

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Tigre! Tigre! O Milagre de Purun Bhagat Servidores da Rainha



Rudyard Kipling

4

Esta é mais uma publicação

TAFARA

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Volume 4

- Tigre! Tigre!

- O Milagre de Purun Bhagat

- Servidores da Rainha

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria
Diretoria
Diretoria
Diretoria
Diretoria

Mario Henrique Peters Farinon
David Crusius
Márcio Sequeira da Silva
Ronei Castilhos da Silva
Osvaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria
Diretoria
Diretoria
Diretoria
Diretoria

Ronei de Castilhos da Silva
Neivinha Rieth
Waldir Sthalscmidt
Paulo Roberto da Silva Santos
Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinicius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon



APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz três histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS



TIGRE! TIGRE!

Voltas contente, caçador ousado?
Irmão, a espera
Longa e fria que era!
Tua prêsá é que agora eu estou percebendo?
Irmão, e na Jângal vai pascendo.
Onde está a força que te fez tão orgulhoso?
Irmão, fizeram meu coração doloroso.
Por que com tanto alento tu estás a correr?
Irmão, eu vou ao fojo. Vou para morre.

Voltemos um pouco atrás. Quando Mowgli deixou a caverna do lobo, depois da luta com a Alcatéia na Roca do Conselho, desceu às terras cultivadas onde os camponeses viviam. Mas não se deteve lá, por ser muito perto da Jângal onde havia feito pelo menos um inimigo na reunião do Conselho. Avançou bastante, tomando pela estrada que corria pelo vale e seguindo-a por cinco léguas até alcançar zona sua desconhecida. Esse vale achava-se em grande planura, verrugosa de rochedos e picada de ravinas. Num dos extremos via-se pequena aldeia cercada de pastagens, que de chofre terminavam na orla de espêssa Jângal. Por toda a planura andavam búfalos pastando sob a guarda de pequenos pastores, os quais fugiram aos gritos ao verem Mowgli. Seus cães amarelos puseram-se a latir. Mowgli, porém, não se deteve. Estava faminto. Quando alcançou a porta da aldeia, viu ainda aberto o tapume de espinheiro com que a fechavam de noite.

- *Umph!* exclamou diante daquela defesa que já conhecia de outras incursões. Os homens precavêm-se ainda aqui contra os habitantes da Jângal, murmurou sentando-se à soleira da porta.



Quando o primeiro homem apareceu, pôs-se de pé e apontou para a boca aberta, a significar que tinha fome. O homem arregalou os olhos e sumiu-se, para logo depois voltar seguido dum sacerdote - homenzarrão vestido de branco emarcado de vermelho e amarelo na testa. Atrás do sacerdote vieram magotes de povo, gente com caras de espanto. Todos apontavam para o menino.

- Não sabem comportar-se, estes homens, pensou Mowgli consigo. Só macacos agiriam assim - e com esse pensamento na cabeça jogou para trás os seus cabelos compridos e encarou firme a multidão.

- Que há para causar medo? disse o sacerdote. Olhai para as cicatrizes que ele tem nos braços e nas pernas. Mordeduras de lobo. É um filho de lobo que fugiu da Jângal.

De fato, de brincarem juntos os filhotes de Mãe Loba haviam, sem querer, mordido Mowgli fartamente, donde aquelas cicatrizes tão visíveis. O menino, entretanto, jamais considerara aquilo mordeduras, pois não passava de brinquedo.

- *Arre! Arre!* exclamaram duas ou três mulheres a um tempo. Mordido de lobos, o pobrezinho! E tão galante que é! Tem olhos de fogo. Por minha honra, Messua, parece-se muito com o teu menino que o tigre raptou.

- Deixai-me ver, disse uma mulher de grossos anéis nos dedos e pulseiras de cobre nos braços - e, aproximando-se, examinou-o bem de perto. Não é ele, não. Mais delgadinho, embora se pareça muito com meu filho.

O sacerdote, homem fino, sabia que Messua era a esposa do mais rico lavrador da região. Assim, olhou para o céu por um minuto, e disse com solenidade:

- O que a Jângal tomou, a Jângal acaba de restituir. Leva o menino para tua casa, Irmã - e não te esqueças de recompensar o sacerdote que vê tão fundo tudo na vida dos homens.

- Pelo Touro que me comprou! disse Mowgli consigo. Isto aqui me parece uma outra reunião do Conselho. Bem, bem. Se sou homem, que homem me torne de verdade.

A multidão dispersou-se logo que a mulher conduziu Mowgli para sua cabana, onde havia um estrado de laca, uma grande arca de pão com desenhos em relêvo na tampa, meia dúzia de utensílios de cozinha, a imagem dum Deus hindu na pequena alcova e, na parede, um espelho dos que se vendem nas feiras.

A mulher deu-lhe uma vasilha de leite e um pedaço de pão; depois tomou-lhe a cabeça e olhou-o nos olhos. Quem sabe se não era ele o menino que o tigre levava? E chamou-o:

- Nathoo, Nathoo (Mowgli não deu mostras de conhecer tal nome). Não te lembras do dia em que te fiz uns sapatinhos novos? perguntou ela apontando-lhe para os pés calejados. Não, não, respondeu para si mesma a mulher, cheia de mágoa, êstes pés jamais usaram sapatos - mas tu te assemelhas bastante ao meu Nathoo e ficarás sendo meu filho.

Mowgli não se sentia à vontade por nunca se ter visto dentro duma cabana; mas sossegou, olhando para o teto e vendo que por ali poderia fugir, se lhe desse gana - além de que as janelas não tinham ferrêlho.

- De que me vale ser homem, se não entendo a linguagem dos homens? pensou consigo. Estou aqui tão estúpido e mudo como um homem que estivesse conosco lá na Jângal. Tenho de apanhar a linguagem deles.

Não fora por desafio que Mowgli aprendera na caverna dos lobos a imitar o grito de desafio dos bodes selvagens e o grunhir dos cervos novos. Por isso, logo que Messua pronunciava uma palavra, ele a imitava incontinenti, tendo assim assimilado nesse mesmo dia o nome de muita coisa existente na cabana.

À hora de dormir houve dificuldades. Mowgli não sabia dormir fechado no que lhe parecia um mundéu para leopardos. Assim, quando trancaram a porta, saiu pela janela.

- Deixa-o fazer, disse o marido de Messua. Lembra-te de que ele jamais dormiu em cama. Se êsse menino foi realmente enviado pelo céu para substituir o nosso filho, não fugirá.

Pôde destarte Mowgli esticar-se na relva macia do campo vizinho para dormir à lei da natureza. Antes que seus olhos se fechassem, entretanto, um focinho amigo veio farejá-lo.

- *Fhew!* exclamou o Lobo Gris (filhote mais moço de Mãe Lôba). Acho que estás mal recompensado das cinco léguas que fizeste. Cheiras a gado e a fumaça - tal qual um homem. Levanta-te, Irmãozinho. Trago notícias.

- Vai tudo bem na Jângal? perguntou Mowgli abraçando-o.

- Tudo, exceto para os lobos que chamuscaste com a Flor Vermelha. Ouve. Shere Khan afastou-se para longe, onde ficará até que lhe cresçam de novo as barbas queimadas. Mas jurou que quando vier há de deixar os ossos do filhote de homem a branquejarem no Waingunga.

- Fiz igual promessa quanto aos dele, respondeu calmamente o menino. Bem, bem. Notícias são notícias. Sinto-me cansado esta noite - cansado de coisas novas. Traga-me sempre novidades, Irmão Gris.

- Não te esquecerás de que és lobo? Não te farão os homens esquecer isso? perguntou o Lôbo Gris apreensivo.

- Jamais! Sempre me lembrarei de todos da nossa caverna - embora também não me esqueça de que fui expulso da Alcatéia.



- Nem percas de vista que podes ser lançado fora de outra alcatéia - a alcatéia dos homens... Homens são unicamente homens, Irmãozinho, e falam como rãs na lagoa. Quando eu regressar a ver-te, esperarei por ti ao pé das touceiras de bambu deste pasto.

Por três meses depois disso poucas vêzes Mowgli transpôs as portas da aldeia, tão ocupado andava em aprender os usos e costumes dos homens.

Teve de acostumar-se a usar panos em cima do corpo, coisa que muito o incomodava; como também aprendeu o valor do dinheiro e seu emprego (sem nada compreender), e o uso do arado, que lhe parecia inútil. Os meninos da rua o punham furioso. Felizmente a Lei da Jângal lhe ensinara a dominar-se, porque na vida selvagem o alimento e a segurança dependem muito do domínio sôbre si próprio. Mas quando os meninos se riam dele por não saber empinar um papagaio ou por dizer erradas as palavras, unicamente pelo fato de não ser permitido é que deixava de agarrá-los e parti-los em pedaços.

Mowgli desconhecia a sua própria força. Na Jângal sabia-se fraco, em comparação com os animais selvagens; na aldeia os homens o consideravam forte qual um touro.

Também não tinha a menor idéia a respeito da separação de castas. Quando o asno do oleiro escorregava e caía no varal da moenda, ele o punha de pé com um empuxão de cauda. Também ajudava o oleiro a levar suas telhas para o mercado. Aquilo impressionava mal, porque o oleiro pertencia à casta dos párias, e o seu asno a outra casta ainda mais vil. Quando o sacerdote o advertiu disso, Mowgli o ameaçou de pô-lo também em cima do asno, o que fez o santo homem ir dizer ao marido de Messua que era tempo de meter o menino no trabalho. Em conseqüência, teve ele ordem de ir guardar os búfalos no pasto. Ninguém poderia receber semelhante ordem com maior contentamento. À noite desse dia foi ter à grande figueira que ornava a praça principal da aldeia. Era lá o clube onde os chefes políticos e o barbeiro (o qual conhecia todos os mexericos do lugar) e ainda o velho Buldeo, caçador dono de uma carabina Tower, se reuniam para conversar e fumar. Macacos vinham empoleirar-se nos galhos da figueira, em cujo tronco havia um ôco onde morava uma cobra. Todos os dias as mulheres punham ali um prato de leite, visto tratar-se duma cobra sagrada. Os velhos sentavam-se em torno dessa árvore para conversar por entre longas baforadas dos cachimbos d'água. Narravam maravilhosas histórias de deuses, homens e fantasmas. Buldeo, com as suas lorotas relativas aos costumes dos animais da Jângal, fazia as crianças arregalarem os olhos. A razão dessas histórias vinha de estar a floresta muito próxima da aldeia, a ponto de os porcos selvagens invadirem freqüentemente as plantações e os tigres tociarem homens ao cair da noite, à vista de todos.

Mowgli, que muito naturalmente conhecia a fundo a vida da Jângal, tinha de esconder o rosto para ocultar o riso, quando Buldeo, com a sua carabina Tower sobre os joelhos, dissertava sobre o assunto.

Buldeo era de opinião que o tigre que raptara o filho de Messua era um tigre-fantasma, cujo corpo servia de morada à alma dum onzeneiro falecido anos atrás.

- E sei que isto é verdade, dizia ele, porque Purun Dass (o tal onzeneiro) mancava duma perna em conseqüência do tiro que levou numa briga e o tigre de que falo manca também, como verifiquei pelos rastros.

- Deve ser isso mesmo, concordavam os velhos barbaças meneando a cabeça.

Mowgli não se conteve.

- Todas as histórias contadas aqui serão deste naipe? perguntou ele. Esse tigre manca porque nasceu aleijado, como todos lá sabem. Supor que a alma dum onzeneiro habite o corpo dum tigre que jamais teve sequer a coragem dum chacal, é infantilidade.

Buldeo perdeu a fala de tanta surpresa em face do atrevimento daquela observação.

- Oho! É o homenzinho-lobo quem fala! disse ele. Se entendes tanto desse tigre, seria melhor que nos trouxesses a sua pele; o governo dá por ela cem rupias. Faze isso, em vez de estares aí a meter a colher torta na conversa dos mais velhos.

Mowgli retirou-se.

- Toda a tarde tenho estado aqui, disse ao levantar-se, e a não ser uma vez ou outra Buldeo não disse nada certo da Jângal, que começa ali adiante. Como hei de crer, pois, nas histórias de deuses e duendes que ele diz ter visto?

- Este rapazinho precisa entrar no trabalho quanto antes, observou um dos velhos, enquanto Buldeo engasgava de cólera ante a impertinência de Mowgli.

As aldeias indianas costumam consagrar uns tantos rapazes à guarda dos bois e búfalos, que eles levam a pastar cada manhã e recolhem à noite. Enormes animais que dariam com facilidade cabo dum homem, deixam-se conduzir e bater por essas crianças. Enquanto os pastorzinhos permanecem junto do gado, nenhum perigo correm, porque nem o tigre ousa atacar uma manada de bois ou búfalos. Mas se se afastam, atraídos por flores silvestres ou para apanhar algum lagarto, freqüentemente são caçados pelos tigres. Mowgli atravessou a aldeia pela madrugada, montado no pescoço de Rama, o touro do rebanho. Seguiam-no os búfalos de chifres retorcidos para trás e olhos selvagens. Mowgli os tangia com uma longa vara de bambu. Logo que chegou ao campo, disse a Kamyá, um dos seus companheirinhos de pastoreio, que tomasse conta dos bois juntamente com os outros, que ele sozinho guardaria os búfalos.

Uma pastagem indiana é em geral um terreno rochoso, cheio de moitas e picado de ravinas, dentro das quais o gado desaparece. Os búfalos procuram pontos pantanosos, onde chafurdam durante as horas quentes do dia. Mowgli levou seu rebanho para o extremo da planura, lá onde o rio Waingunga sai da floresta. Saltou de sobre o pescoço de Rama e correu a moita de bambus, ao pé da qual devia estar o Lobo Gris.

- Esperei-te aqui muitas vezes, disse este. Que história é essa, de guardar gado agora?

- Mandaram-me, respondeu Mowgli. Estou feito pastor de búfalos. Que há de novo sobre Shere Khan?

- Já voltou para esta zona e tem estado aqui à tua espera. Agora me consta que se afastou em procura de caça, visto que por cá existe pouca. Ele quer matar-te.

- Muito bem, respondeu Mowgli, Enquanto êle estiver por fora, tu te sentarás nesta pedra de modo que da aldeia possas ser visto por mim. Assim que ele voltar, tu me esperarás na ravina, perto daquela árvore grande que daqui se, vê. Precisamos evitar de cair dentro da goela de Shere Khan.



Em seguida Mowgli escolheu um lugar de sombra, onde se deitou a dormir enquanto os búfalos pastavam.

O pastoreio na Índia é um dos serviços mais vazios do mundo. O gado move-se e pasta, e deita-se, e move-se de novo para pastar adiante e deitar-se outra vez. Raro muge. Os búfalos chafurdam em todos os pântanos que encontram, caminhando dentro deles apenas com os focinhos de fora. O sol faz que as pedras pareçam dançar em tremeliques, e os pastorzinhos se distraem com o solitário Kite a descrever curvas sobre suas cabeças, lá no alto do céu; sabem eles que assim que uma vaca morre esse urubu descerá imediatamente, e que o Kite mais próximo virá também, e assim todos os Kites da região. E os rapazes dormem e despertam e dormem de novo, e tecem pequenos cestos onde aprisionam gafanhotos; ou apanham louva-a-deus que põem a lutar entre si; ou fazem colares de sementes vermelhas e pretas, colhidas na Jângal; ou acompanham o lagarto que toma sol sobre as pedras; ou assistem ao espetáculo da cobra a fascinar rãs nas ravinas. Também cantam cantigas da terra e fazem figurinhas de barro, ou ídolos. Quando a tarde cai, os pequenos pastores chamam o gado. Os búfalos arrancam-se dos lameiros com estampidos, e um atrás do outro rumam em direção da aldeia.

Dias seguidos levou Mowgli seus búfalos ao campo e dias seguidos avistou o Lobo Gris no ponto combinado, sabendo assim que Shere Khan inda não estava de volta. Passou a maior parte desse tempo deitado na relva, a sonhar com a vida da Jângal, enquanto o seu ouvido alerta apanhava os menores rumores. Se Shere Khan desse nas matas marginais do Waingunga um passo em falso com a sua perna aleijada, ele o teria percebido nesses momentos de repouso.

Por fim chegou o dia em que não viu o Lobo Gris no lugar de sempre. Mowgli sorriu e fez marcharem seus búfalos pela ravina adentro, rumo da árvore grande, por essa ocasião coberta de flores, de ouro. Lá encontrou o irmão lobo, todo arrepiado.

- Ele prepara-se para arrancar-te aos búfalos. Seguido de Tabaqui, Shere Khan cruzou o rio a noite passada, disse o lobinho inquieto.

Mowgli franziu os sobrolhos.

- Não tenho medo de Shere Khan, disse ele, mas Tabaqui é muito astucioso.

- Nada receies de Tabaqui. Encontrei-o de madrugada e a estas horas está contando suas lorotas aos urubus. Antes de quebrar-lhe a espinha, porém, fi-lo falar e contar tudo. Shere Khan planeja tocaiar-te esta tarde às portas da aldeia. Neste momento deve estar oculto na grande ravina seca do Waingunga.

- Teria comido hoje ou ainda está em jejum? perguntou Mowgli, para quem da resposta dependia a vida.

- Matou um porco de madrugada e também bebeu no rio. Shere Khan nunca se conserva em jejum, nem mesmo em vésperas duma vingança.

- Louco! Louco! Que infantil que é! Comeu e bebeu e pensa que o inimigo vai esperar até que digira! Dize-me, onde está Shere Khan exatamente? Se fôramos dez, daríamos cabo dele já. Meus búfalos não o atacam, salvo se ataçados - e eu desconheço a linguagem dos búfalos. Mas poderemos seguir os rastros dele, de modo que o farejemos.

- Shere Khan atravessou a nado o Waingunga para cortar caminho, respondeu Lobo Gris.

- Tabaqui ensinou-lhe esse meio de encurtar a viagem, já sei. Por si mesmo não teria nunca tal idéia, observou Mowgli, de pé, com o dedo na boca, meditativo. A ravina grande do Waingunga abre para o campo a menos de milha daqui. Eu poderei cortar a Jângal com meus búfalos para sair no começo da ravina, e então varrê-la toda - mas Shere Khan fugiria, advertido pelo tropel... Temos de bloquear a outra saída, Irmão Gris, és capaz de conduzir metade dos meus búfalos?

- Creio que não, mas trouxe comigo um bom auxiliar, respondeu o Lobo Gris, afastando-se até sumir-se num buraco donde logo depois surgiu uma cabeça que Mowgli conhecia muito bem, Imediatamente o espaço se encheu com a repercussão do mais desolador grito da Jângal - o Grito de Caça do Lobo.

- Akela! Akela! exclamou Mowgli batendo palmas. Eu tinha certeza de que não me havia de esquecer. Há serviço pesado hoje. Toma conta de metade dos meus búfalos, Akela. Separa as fêmeas e crias dum lado e os machos de outro.

Ajudado pelo lobinho, Akela pôs-se a executar a ordem. O rebanho foi separado em dois. Num grupo ficaram as fêmeas, com as crias no centro, escarvando a terra, prontas para a defesa da prole. No outro ficaram os touros e garrotes formados, cuja atitude guerreira, apesar de imponente, não era tão perigosa como a das fêmeas, visto não terem prole a defender.

- Que ordenas agora? perguntou Akela, ofegante. Os búfalos não tardarão a reunir-se.

Mowgli saltou para o pescoço de Rama e gritou;

- Tange o bando de machos para a esquerda, Akela, e tu, Irmãozinho Gris, irás com o bando de fêmeas ocupar o outro extremo da ravina.

- Em que ponto?



- Num ponto onde as barrancas sejam tão altas e íngremes que Shere Khan não as possa galgar.

O lobinho plantou-se imóvel diante das fêmeas, em atitude de desafio. Elas avançaram contra ele; o lobinho recuou e parou de novo; elas avançaram outra vez; o lobinho recuou e parou novamente. Desse modo as foi conduzindo para o ponto indicado por Mowgli. O mesmo sistema usou Akela para conduzir o seu bando de machos.

- Belo serviço, Akela! gritava Mowgli de cima de Rama. Uma carga mais e basta. Cuidado agora! Não os irrites muito, que carregarão contra ti. A carga tem de ser contra o tigre, lembra-te. *Huyah!* Sabias que estas criaturas de chifre voltado para trás são assim ligeiras no mover-se?

- Já..., já cacei búfalos, no meu bom tempo, respondeu Akela, meio asfixiado pela poeira. Viro agora em direção da Jângal?

- Sim e depressa. Rama está ardendo em furor. Oh, se eu pudesse fazê-lo compreender meu plano...

Vendo de longe aquele movimento do gado, os outros pastores correram para a aldeia, a contar que os búfalos haviam estourado e fugiam para a Jângal.

O plano de Mowgli era muito simples. Queria alcançar o começo da ravina e para isso cortaria um trecho da floresta. Alcançando o começo da ravina, meter-se, ia por ela adentro de modo a entalar Shere Khan entre os dois bandos de búfalos. Mowgli sabia que, depois de haver comido e bebido o tigre era incapaz de luta, bem como de galgar as barrancas da ravina. Sempre montado em Rama, seguia na frente, acalmando os búfalos com os seus gritos; Akela seguia atrás, apressando a marcha da retaguarda. Ao chegar a certo ponto, Mowgli deteve os animais num alto donde podia avistar por entre as árvores a planície ao longe. O que interessava eram as barrancas. Pôde verificar que eram bem altas, quase a prumo, justamente como necessário no caso. As plantas trepadeiras que nelas cresciam não formavam pontos de apoio para um tigre que tentasse subir.

- Deixa-os tomar fôlego, Akela, gritou Mowgli de mão erguida. Teus búfalos ainda não farejaram o tigre. Deixa-os respirar livremente e apanhar a catinga que está no ar.

E depois disso feito:

- Shere Khan pode aparecer agora. Não escapará.

Em seguida levou ambas as mãos à boca e desferiu um grito no rumo do canal da ravina - verdadeiro grito num túnel - e o eco multiplicou aquêle som de rocha em rocha.

Sem demora lhe chegou aos ouvidos o ronco de espreguiçamento dum tigre farto que acaba de despertar.

- Quem me chama? urrou Shere Khan, fazendo esvoaçar duma moita um assustado pavão.



- Eu, Mowgli. Chegou teu dia, comedor de bezerras! Vamos, Akela! Avança! Ataca, Rama, ataca!

Os búfalos, detidos por uns momentos na boca da ravina e postos em marcha pelo grito de guerra que o lobo desferiu, lançaram-se para a frente em doido atropelo, fazendo que a areia do chão se erguesse em nuvens e as pedras que os cascos batiam pererecassem tontas. Uma vez na disparada, coisa nenhuma os poderia deter. Haviam-se transformado em furacão. Logo adiante Rama farejou o ar, no qual sentiu bem viva a catanga do tigre.

- Ha! Ha! exclamou Mowgli. Agora sabes do que se trata, não é?

A torrente daqueles chifres negros, daqueles focinhos espumarentos, daqueles olhos chamejantes, daqueles corpos lançados num ímpeto incoercível, varreu o canal, como enormes pedrouços levados pela enxurrada. Os mais fracos eram espremidos de encontro às barrancas, que tentavam galgar por entre o emaranhado das plantas trepadeiras; sabiam a força da avalanche que lhes vinha atrás, tão impetuosa que nem o tigre resiste. Shere Khan ouviu o tropel e ergueu-se, pondo-se em marcha em procura dum ponto favorável onde pudesse galgar a barranca; eram elas, porém, muito íngremes naquele trecho, de modo que teve de trotar para adiante, pesado da digestão e disposto a tudo, menos a lutar. A torrente de búfalos breve alcançou o brejo onde ele estivera deitado, e todos mugiram coléricos. Mowgli ouviu os mugidos de resposta das fêmeas no outro

extremo da ravina. Shere Khan também os ouviu e entreparou. Entreparou e voltou-se. Compreendera tudo e preferia enfrentar os touros da retaguarda do que a ponta de fêmeas que o esperavam na frente. Era tarde. Rama atirou-se contra ele e apisoou-o, furioso, seguido nisso de quantos o acompanhavam de perto. Mowgli já havia saltado do seu cangote, pondo-se a seguro num ressalto da barranca, de vara em punho.

- Depressa, Akela! Dispersa os búfalos antes que comecem a entreferir-se. Estão muito amontoados. Anda, Akela! Hai! Rama! Cuidado! Cuidado!. . .

Akela e o Lobo Gris, que se haviam reunido, entraram a correr dum lado para outro, mordendo as pernas dos búfalos, de modo a dispersá-los antes que o entrechoque dos seus corpos fosse maior. Shere Khan não necessitava de mais cascos sobre a massa do seu corpo. Estava moído, e já com urubus a caminho da sua carriça.

- Foi morte de cachorro, Irmãos, disse Mowgli, sacando da faca que aprendera a trazer à cintura depois de sua entrada na aldeia. Nem sequer lutou. Sua pele será apresentada na Roca do Conselho. Vamos a isso.

Um rapaz educado entre homens jamais pensaria em tirar sozinho a pele dum tigre de dez pés de comprimento; Mowgli, porém, sabia melhor do que nenhum outro como a pele dos animais adere ao corpo, e de que modo se pode sacá-la fora. Apesar disso o trabalho era duro e o reteve ali por uma hora, enquanto os lobos ofegantes faziam isto ou aquilo, conforme ele o ordenava.

Em dado momento sentiu sobre seu ombro um pousar de mão. Olhou. Era Buldeo, com a sua carabina Tower. Esse caçador soubera pelos outros meninos do estouro dos búfalos e furioso viera castigar Mowgli, o culpado. Assim que surgiu, os dois lobos se esconderam.

- Que loucura é essa?! exclamou Buldeo, colérico. Então te julgas capaz de tirar a pele dum tigre? Oh, é o tigre aleijado! Vale cem rupias! Bem, bem, perdoarei o teres deixado o rebanho estourar e talvez te dê uma rúpia de recompensa por teres descoberto esta pele - e assim falando Buldeo sacou do bolso do colete o isqueiro para abrir fogo e chamuscar as barbas do tigre, na crença de que isso previne perseguição por parte da alma da fera.

- Hum! exclamou Mowgli para si próprio enquanto escorchava uma das mãos do tigre. Queres levar a pele de Shere Khan para Khanhiwara a fim de recolher a recompensa da qual me darás uma rupia, não é? Sim, mas tenho minhas idéias a respeito desta pele. Heh! Buldeo, afasta daí esse fogo!

- Que modos são esses de falar ao caçador-chefe da aldeia? Tua sorte apenas e a estupidez dos búfalos te deram esta presa. O tigre tinha acabado de comer - não fosse isso, estaria a vinte léguas daqui. Tu não podes sequer escorchá-lo direito, pedacinho de gente, e tens o topete de dizer a Buldeo que não lhe queime as barbas? Mowgli, já não te darei nem um cobre da recompensa, estás ouvindo? Em vez disso terás uma surra. Deixa essa carniça, vamos!

- Pelo Touro que me comprou, disse Mowgli que estava nesse momento arrancando a pele do pescoço do tigre, será que terei de ouvir as caduquices deste macacão velho toda a tarde? Anda aqui, Akela! Este homem está a aborrecer-me.

Buldeo, que já ia chegando o fogo dum facho às barbas do tigre, viu-se de súbito arremessado ao chão, com Akela sobre si, enquanto Mowgli, sem sequer voltar o rosto, prosseguia no escorchamento como se estivesse sozinho no mundo.

- Sim, sim, rosnava ele entre dentes. Tens razão, Buldeo. Não me darás nem um cobre da recompensa. Está bem. Mas existe uma velha pendenga entre mim e este tigre, muito velha pendenga - e eu venci.

Faça-se justiça a Buldeo. Fosse ele dez anos mais moço, teria arrostado Akela, se o topasse pela frente; mas, um lobo que obedecia às ordens dum menino que tinha pendenga com tigres não era um lobo comum. Magia, feitiçaria da pior espécie, pensou consigo Buldeo, enquanto esperava que o amuleto que trazia ao pescoço o salvasse. E ficou imóvel, estarecido, certo de que Mowgli também dum momento para outro iria transformar-se em tigre ou coisa equivalente.

- Mahraj! Grande Rei, murmurou ele por fim, no delírio do terror.

- Sim, respondeu Mowgli, sorrindo, sem lhe voltar o rosto e sem interromper o trabalho.

- Sou um velho. Perdoa. Não sabia que fosses mais que um simples pastorzinho de búfalos. Permites-me que me vá ou queres que este teu fiel servo lobo me faça em pedaços?

- Vai em paz. Mas doutra vez não te metas comigo. Larga-o, Akela.

Buldeo saiu dali cambaleando. A espaços voltava o rosto sobre os ombros para verificar se Mowgli não se havia ainda transformado nalgum monstro feroz. Quando chegou à aldeia contou apavorado uma história de feitiçaria e encantamento que deixou o sacerdote apreensivo.

Mowgli prosseguiu no seu trabalho, como se nada tivesse acontecido. Logo que o concluiu, disse:

- Temos agora de esconder esta pele e reconduzir os búfalos à aldeia. Ajuda-me a reuni-los, Akela.

O rebanho foi juntado e quando Mowgli alcançou a aldeia já viu as luzes acesas. Mas os sinos tangiam e metade da população o esperava nas portas. «Deve ser uma homenagem a mim por ter morto Shere Khan», pensou ele. Um chuva de pedras lançadas na sua direção fê-lo ver que não se tratava disso.

- Feiticeiro! Lobisomem! Demônio da Jângal! Fora! Fora! Para longe daqui, ou o sacerdote te virará em lobo outra vez. Atira, Buldeo! Atira!

Um tiro soou, que fez um jovem búfalo gemer de dor.

- Mais feitiçaria! gritaram os da aldeia. Ele desvia as balas. Mataste o «teu» búfalo, Buldeo!

- Que história será essa? pensou Mowgli, atarantado com as pedradas e os gritos.

- Não me parecem muito diferentes dos da Alcatéia, estes teus irmãos homens, disse Akela, sentando-se calmamente sobre as patas traseiras. Quer-me parecer que te estão expulsando do povoado.

-Lobo! Lobisomem! Fora! Fora! gritava o sacerdote sacudindo no ar um ramo de «tulsi», a planta sagrada.

- Outra vez? exclamou Mowgli. Da primeira insultavam-me de homem. Agora insultam-me de lobo. Vamo-nos daqui, Akela.

Uma mulher correu em sua direção, gritando:

- Oh, meu filho, meu filho! Eles dizem que és um feiticeiro que sabe virar-se em fera à vontade. Não creio nisso, mas vai-te daqui antes que te assassinem. Buldeo afirma que és um mágico, mas eu sei que vingaste a morte do meu Nathoo.

- Para trás, Messua! urrou a turba.' Para trás, se não te apedrejaremos também.

Mowgli sorriu numa careta. Uma pedra o havia atingido na boca.

- Volta para trás, Messua, gritou ele. O que eles dizem não passa de mais uma dessas histórias idiotas que costumam contar debaixo da figueira grande. Vinguei teu filho, é certo. Adeus. Volta depressa, porque vou arremessar contra essa macacada os meus búfalos. Não sou mágico nenhum, Messua. Crê. Adeus.

Em seguida gritou para Akela:

- Faze que os búfalos entrem.

Os búfalos estavam ansiosos por entrar; não foi preciso que Akela fizesse muito para que o rebanho se atirasse contra as portas, espalhando com violência a malta dos apedrejadores.

- Contai-os, berrou Mowgli com desprezo, para que mais tarde não me veja acusado de ter escondido algum. Contai-os, que não guardarei mais esse rebanho. Agradecei a Messua, homens. Por amor dela apenas deixo de invadir a aldeia com os meus lobos para caçá-los a todos nas ruas.

Depois desse desabafo, Mowgli tomou o caminho da Jângal, seguido dos dois amigos. Olhava as estrelas e sentia-se imensamente feliz.

- Não mais dormirei em mundéus, Akela. Tenho as estrelas por teto outra vez!... Vamos agora apanhar a pele de Shere Khan. Nunca mais Lungri causará dano à aldeia onde Messua foi boa para mim.

Quando a lua se ergueu no alto dando a tudo um tom de leite, os horrorizados habitantes da aldeia viram Mowgli, com os dois lobos à sua ilharga e a pele do tigre sobre a cabeça, tomar rumo da Jângal em passo apressado, Fizeram então ressoar os sinos do templo e os gongos ainda com mais fúria do que antes, Messua chorava, enquanto Buldeo bordava a história da sua aventura, inventando que o lobo que o atacara tinha falado tal qual um homem.

A lua já descia quando Mowgli e os dois lobos alcançaram a Roca do Conselho. O menino dirigiu-se para a caverna de Mãe Loba.

- Expulsaram-me da Alcatéia dos homens, Mãe, gritou ele ao chegar, e aqui estou com a pele de Shere Khan a fim de cumprir minha palavra.

Mãe Loba, rodeada dos seus lobinhos, apareceu à entrada da cova. Seus olhos chispavam ao ver a pele do tigre.

- Bem disse eu a Shere Khan, no dia em que tentou penetrar nesta caverna, que o caçador seria caçado! Muito bem, Mowgli!

- Muito bem, Irmãozinho! rosnou fora uma voz. Ficamos tão solitários na Jângal sem ti..., e Bagheera veio dum salto juntar,se ao grupo.

Dali dirigiram-se à Roca do Conselho, onde Mowgli abriu a pele do tigre sobre a pedra chata onde Akela costumava sentar-se. Esticou-a por meio de quatro varas de bambus e fez o velho Lobo Solitário pular em cima para desferir o grito de convocação do Conselho, «Olhai bem, ó Lobos!» exatamente como no dia da sua apresentação,

Desde o tempo em que o Lobo Solitário se viu deposto, a Alcatéia ficara sem chefe, caçando e lutando ao bel-prazer de cada um. Não obstante, todos os lobos, por força do hábito, atenderam ao chamado e foram-se chegando. Uns estavam aleijados por terem caído em armadilhas; outros estavam lazentos, por terem comido carnes venenosas; muitos tinham desaparecido. Mas vieram os que restavam e viram a pele de Shere Khan estendida sobre a pedra, com as afiadas unhas pendentes, Mowgli então improvisou um canto sem rimas, que borbotou espontâneo da sua boca à medida que seus pés dançavam sobre a pele do inimigo. Akela ia marcando o compasso com uivos à lua.

- Olhai, ó Lobos. Cumpri minha palavra ou não? Gritou Mowgli ao terminar. E os lobos uivaram:

- Sim.

Um deles avançou e disse:

- Chefia-nos de novo, Akela. Estamos fartos desta vida desregrada; queremos voltar a ser o Povo Livre de outrora. Chefia-nos tu também, Filhote de Homem.

- Não! protestou Bagheeral Nunca! Assim que estiverdes de estômago cheio, a loucura e o desrespeito imperarão de novo. Não é sem causa que sois chamados o Povo Livre. Já lutastes pela liberdade absoluta e a tivestes. Comei-a agora, ó Lobos!...

- A Alcatéia dos Lobos e a Alcatéia dos Homens expulsaram-me do seu grêmio, disse Mowgli. Doravante caçarei sozinho na Jângal.

- E nós contigo! uivaram os quatro lobinhos de Mãe Loba.

E foi assim que Mowgli passou a viver solitário em companhia apenas dos quatro lobinhos até o dia em que...

Mas isto já é outra história.

A canção de Mowgli

(Cantada na Roca do Conselho, quando ele dançava sobre a pele de Shere Khan.)

É o canto de Mowgli - Eu, Mowgli, vou cantando.

Que a Jângal escute as coisas que fiz.

Shere Khan afirma que matará - que matará! Junto às partas, ao Crepúsculo, ele matará Mowgli, a Rã!

Ele correu e bebeu. Bebe! Bebe! Shere Khan, quando beberas de novo? Dorme e sonha com a presa.

Estou só nas pastagens. Vem a mim, Irmão Cris.

Vem a mim, Lobo Solitário, que teremos à tarde uma presa enorme.

Reuni os formidáveis touros-búfalos, os rebanhos dos touros de pele azul e olhar colérico. Levai-os para um lado e outro lado, conforme eu ordenar.

Tu dormes ainda, Shere Khan? Acorda! Acorda!

Eis que eu vim e os touros me acompanham.

Rama, o rei dos búfalos, feriu o chão com o seu pé.

Águas do Waingunga, para onde foi Shere Khan?

Ele não é Ikki para cavar buracos; nem Mao, o Pavão, para voar; ele não é Mang, o Morcego, para se suspender nos ramos.

Bambus pequenos que ciciais, dizem-me para onde ele fugiu?

Owl Está lá Aoo! Está lá! Debaixo dos pés de Rama se estende

o Coxo! Ergue-te, Shere Khan! Ergue-te e mata! Eis a presa; quebra o pescoço dos touros!

Hsh! Ele dorme! Nós não o despertamos porque sua força é muito grande. Os milhanos desceram para vê-lo. As formigas negras subiram para conhece-lo. Há lá uma grande assembléia em sua honra.

Alala! Não tenho um manto que me envolva. Os milhanos verão que estou nu. Tenho vergonha de me defrontar com toda esta gente.

Empresta-me tua roupa, Shere Khan. Empresta-me a tua alegre roupa rajada para que eu possa ir à Roca do Conselho.

Ao touro que me resgatou, eu fiz uma promessa - pequena promessa.

Não falta senão a tua roupa para que eu a cumpra.

Com o punhal - com o punhal que os homens usam - com o punhal do caçador, o homem, eu descerei a esta oferenda.

Águas do Waingunga, Shere Khan deu-me a sua roupa pelo amor que me dedica.

Tira-a, Irmão Gris! Tira-a, Akela! É pesada a pele de Shere Khan.

A corja dos homens está colérica. Eles atiram pedras e falam coisas de criança. Minha boca sangra. Deixai-nos fugir.

Através da noite, através da noite quente, correi ligeiros comigo, meus irmãos. Nós deixaremos as luzes da aldeia e iremos aonde a lua é baixa.

Águas do Waingunga, a corja dos homens me expulsou. A Jângal se me fechou e as portas da aldeia também estão fechadas. Por que?

Assim como Mang voa entre as bestas e os pássaros erro entre as aldeias e a Jângal. Por que?

Eu danço sobre a pele de Shere Khan. Mas o meu coração é muito pesado. Minha boca está cortada; feriram-na as pedras da aldeia. Mas o meu coração é leve porque eu voltei para a Jângal. - Por que?

Estas duas coisas lutam em mim como lutam as cobras na primavera.

A Água jorra dos meus olhos; e eu rio enquanto ela cai. Por que?

Eu sou dois Mowglis, mas a pele de Shere Khan está debaixo dos meus pés.

Toda a Jângal sabe que eu matei Shere Khan. Olhai! Olhai bem, ó Lobos!

Ahae! Meu coração é pesado como as coisas que eu não compreendo.





O MILAGRE DE PURUN BHAGAT

Na noite em que sentimos na terra um rumor
De abalo, o agarramos pela mão ansiada.
Tínhamos nós por êle o grande amor
Que sabe tudo e não compreende nada.

E quando aconteceu o monte desabar
E o mundo submergiu nas chuvas torrenciais
Nós, os pequenos, é que fomos o salvar.
elas, êle, ai dêle! não retornará jamais!

Chorai! A sua salvação nos foi devida
Por força deste nosso humilde amor constante.
Chorai! O nosso irmão não voltará à vida,
E os seus irão nos expulsar daqui por diante.

Havia na Índia um homem que era Primeiro-Ministro dum dos Estados semi-independentes do norte. Um brâmane de tão alta casta que o preconceito de casta cessou de ter para êle qualquer significação; seu pai já havia sido notável numa lantejoulante

corde dos velhos tempos. À proporção que Purun Dass subia foi percebendo que a velha ordem de coisas estava mudando, e que se alguém quisesse fazer caminho no mundo devia andar bem com os ingleses e agir em tudo como os ingleses julgavam conveniente. Mas um oficial nativo necessita ao mesmo tempo conservar o favor do seu real amo, jogo difícil, que o calmo e silencioso brâmane, ajudado por boa educação na Universidade de Bombaim, desenvolveu friamente, subindo de degrau em degrau até o posto supremo de Primeiro-Ministro.

Quer dizer que atingira uma situação mais poderosa que a do próprio Marajá.

Quando o velho rei - sempre muito desconfiado dos ingleses, de trens de ferro e telégrafos - veio a falecer, Purun Dass manteve-se em nível com o seu sucessor, sujeito à tutela inglesa; e agindo sempre de modo que o amo recebesse todo o crédito, Purun criou escolas para meninas, construiu estradas, organizou dispensários e exposições de instrumentos agrícolas, e fez sair anualmente um «livro azul» sobre o «Progresso Moral e Material do Estado», muito agradável ao Governo da Índia.

Poucos principados indianos aceitam integralmente a civilização inglesa, porque não acreditam, como Purun Dass acreditava, que o que é bom para os ingleses é duas vezes bom para o asiático. O Primeiro-Ministro tornou-se o grande amigo dos Vice-Reis, Governadores, Vice-Governadores, médicos, missionários e rudes oficiais da cavalaria inglesa que vinham caçar nas reservas florestais, bem como de toda a horda de turistas que viajam através da Índia, mostrando como as coisas devem ser feitas. Em seus momentos de lazer dotava bons estudantes para o aperfeiçoamento do estudo da medicina e da manufatura em moldes estritamente ingleses, e escrevia cartas para o Pioneiro, o diário indiano de maior tiragem, expondo as idéias e os objetivos de seu amo.

Por fim rumou para a Inglaterra, em viagem de visita, e teve de pagar grandes somas aos sacerdotes ao regressar, porque mesmo um brâmane de alta estirpe, como Purun, perdia a custa pelo simples fato de transpor o oceano. Em Londres encontrou-se e privou com quanta gente alta valia a pena homens cujos nomes correm mundo - e viu mais coisas do que as disse. Recebeu graus honoríficos de velhas universidades e fez conferências sobre a reforma social da Índia diante de damas magnificamente vestidas - até que toda Londres exclamasse: «Esse é o homem mais fascinante que ainda apareceu desde que se inventou a roupa».

De volta à sua terra trazia um halo de glória, e o próprio Vice-Rei o honrou com uma visita especial, para impor sobre o Marajá a Grã-Cruz da Estrêla da Índia - toda diamantes, fitas e esmalte; e nessa mesma cerimônia, enquanto o canhão troava, Purun Dass foi feito Cavaleiro Comandante da Ordem do Império Indiano; seu nome passou a ser Sir Purun Dass, K. C. I. E. (Knight Commander of the Order of the Indian Empire).

Naquela tarde, no jantar dado na grande tenda do Vice-Rei, Sir Purun Dass ergueu-se com a comenda ao peito e em resposta ao «toast» erguido à saúde do seu real amo pronunciou um discurso que poucos ingleses poderiam melhorar.

No mês seguinte, quando a cidade reentrou na calma do costume, Purun fez uma coisa que nenhum inglês em tal situação sonharia fazer - morreu. A comenda cravejada de diamantes voltou para o Governo e um novo Primeiro-Ministro foi posto à testa dos negócios públicos, com o grande jogo das nomeações para os cargos subalternos recomeçado. Os sacerdotes não ignoravam o que havia acontecido e o povo suspeitava; mas a Índia é o único lugar no mundo onde um homem pode fazer como lhe apraz, sem que ninguém lhe tome contas; e o fato de Sir Purun Dass, K. C. I. E., ter resignado sua alta posição e tomado a escudela do mendigo e a samarra ocre de um sunnyasi, ou homem sagrado, não foi tido como estranho.

Ele havia sido, como a Lei Velha o ordena, moço durante vinte anos, lutador durante outros vinte (embora jamais carregasse uma arma) e, por ainda mais outros vinte anos, dono de casa.

Havia usado sua riqueza e poder para o que lhe parecera o bem; tinha colhido honras quando o momento era de colhê-las, e tinha visitado cidades próximas e remotas, que o glorificaram. Deixava agora que todas estas coisas dêle se retirassem como vestes já inúteis.

Atrás de si, enquanto caminhava para as portas da cidade, de muleta, com uma pele de antílope ao ombro e a escudela de coco na mão, pés nus e olhos baixos - atrás de si iam ficando as salvas dos fortes em homenagem ao seu feliz sucessor, Purun Dass meneou a cabeça. Toda a sua vida de grandezas havia terminado, como um sonho que esmaece. Não passava agora dum sunnyasi - mendigo sem pouso fixo, dependente de encontros fortuitos para o alimento diário, embora sabedor de que enquanto houvesse na Índia um pedaço de pão a dividir, sacerdote ou mendigo não padeceria fome. Nunca em sua vida tinha Purun provado carne, e raramente comera peixe. Uma nota de cinco libras teria bastado para suas despesas pessoais de boca durante cada um dos muitos anos em que foi senhor absoluto de tesouros. Ainda quando estêve a receber ovações em Londres conservara diante dos olhos o seu sonho de calma e paz: as compridas e poentas estradas indianas, marcadas de pés descalços, onde o tráfego é sonolento e a acre fumaça dos fogos acesos pelos viajantes ondura sob as figueiras, à hora em que acampam para o preparo do jantar.

Chegado que foi o tempo de transformar este sonho em realidade, o Primeiro-Ministro deu os necessários passos - e mais facilmente poderia ser encontrada uma certa bolha na amplidão do Atlântico do que Purun entre os milhões de criaturas que enchem a Índia.

Ao cair da tarde a sua pele de antílope era estendida no chão, no ponto em que o escuro da noite o apanhava - às vezes num mosteiro sunnyasi dos que bordejam as estradas, às vezes rente a um pilar votivo de Kala Pir, onde os iogues - essa outra classe de homens sagrados - o recebiam reverentes, como bons conhecedores que são das castas. Outras vezes dormia nos arredores duma pequena aldeia, ou em pastos onde a chama da sua fogueirinha de gravetos acordava os camelos adormecidos. Tudo era o mesmo para Purun Dass - ou Purun Bhagat, como se chamava a si próprio agora. Terra, gentes, alimentos - era tudo um. Mas inconscientemente seus pés o levavam para noroeste; do Sul para Rohtak; de Rohtak para Kurnool; de Kurnool para a arruinada Amanah, e daí para o rio acima, pelo leito sêco do Gugger, o qual só se enche quando desabam chuvas nas montanhas. Um dia Purun avistou no céu as grimpas do Himalaia.

Sorriu. Lembrou-se de que sua mãe era da estirpe Rajput, de origem Kulu - montanhesa sempre nostálgica das neves - e que uma só gota de sangue montanhês acaba sempre levando um homem para as montanhas.

- Lá longe, murmurou Purun Bhagat galgando as mansas elevações do Sewaliks, onde os cactos se erguem como candelabros de sete ramais, lá farei meu pouso e meditarei - e logo que se fêz de rumo na direção de Simla os ventos gélidos do Himalaia assobiaram em seus ouvidos.

Da última vez que por ali passara vivia ainda na grandeza, e viera com escolta de cavaleiros, na viagem de visita ao mais afável dos Vice-Reis; e ambos conversaram mais de uma hora sobre amigos deixados em Londres e sobre o que o povo da Índia pensa a respeito das coisas. Agora, porém, não fazia visitas. Apenas contemplava, de sobre os trilhos da via férrea, a gloriosa vista das planuras desdobradas numa extensão de quarenta

milhas, e contemplou-a até que um guarda maometano o avisou de que estava obstruindo o tráfego. Purun curvou-se reverente perante a Lei, porque conhecia o valor dela e estava ele próprio à procura da sua. Em seguida rumou para a frente e dormiu numa palhoça abandonada perto de Chota Simla, que, embora parecesse o verdadeiro fim do mundo, não passava do comêço da sua peregrinação.

Purun seguiu pela estrada Himalaia-Tibé - estreita senda de três metros rasgada na dureza das rochas ou pendurada com estiras de madeira sobre abismos de mil pés de fundo; carreiro que mergulha por dentro de abafadas e úmidas covancas e trepa por encostas desnudas que o sol requeima; ou volteia por dentro de florestas sombrias nas quais os fetos parasitos revestem os troncos de alto a baixo, e o faisão pia chamando a companheira. E Purun encontrou pastôres tibetanos com seus cães e rebanhos de carneiros, cada qual com carga de bórax no lombo; e madeiros errantes; e Lamas do Tibé que vinham de peregrinação à Índia; e enviados dos remotos reinos montanhese cavalgando pôneis pampas, quando não a própria cavalgada dum Rajá em visita a um igual. Outras vêzes durante todo o curso dum dia claro, não topava senão um urso negro a fossar rahes no fundo do vale, A princípio, logo que começou a peregrinação, o rumor do mundo que Purun deixava o seguiu cantando-lhe no ouvido, como o barulho dum túnel transposto continua a cantar no ouvido do viajante; agora, porém, que o Passo do Muttiani estava galgado e já perdido ao longe, Purun Bhagat se via a sós consigo, a caminhar absorto, de olhos no chão e pensamento nas nuvens.

Certa tarde atravessou o tope mais alto que seus pés ainda haviam pisado - dois dias levava a subí-lo - e seus olhos viram uma linha de picos de neve que tomava todo o horizonte - montanhas de quinze a vinte mil pés de altura, como que ao alcance duma pedrada embora a cinqüenta ou sessenta milhas além. Espêssa e escura floresta envolvia êsse passo - castanheiros, cerejeiras bravas, oliveiras silvestres, sobretudo deodars, os cedros do Himalaia; e à sombra dum deodar encontrou um eremitério votivo a Káli, divindade adorada como afastadora da variola.

Purun Dass varreu as lajes, sorriu ao ídolo risonho e armou um tosco fogão de barro atrás do eremitério; em seguida estendeu a pele de antílope sobre um acamado de folhas sêcas e sentou-se a repousar.

Diante de si a encosta nua descambava por mil e muitos pés, deixando ver lá embaixo uma pequena aldeia de pedra, telhados de terra cozida. Em redor, terraços de cultura dispostos como aventais sobre os joelhos da montanha; e pastagens retilhadas de carreirinhos, com vacas não maiores que besouros, pastando. Quem olha do alto vê tudo tão diminuído que não pode conceber sejam as moitazinhas avistadas florestas de pinheiros de cem pés de altura. Purun Bhagat seguiu cum os olhos uma águia em revêo por sobre o imenso vazio aéreo, o qual logo se transformou em ponto microscópico. Nuvens estiradas, boiantes no ar, escondiam pedaços da montanha ou aproximavam-se até se diluírem, quando atingiam o sopé da ermida.

- Aqui encontrarei paz, murmurou o peregrino.

Para montanhese, subir morro não é nada; e, pois, logo que a fumacinha de Purun Bhagat empenachou o eremitério e foi vista da aldeia, um sacerdote montanhês rumou para lá, a fim de dar-lhe boas-vindas. Quando seus olhos encontraram os de Purun Bhagat - que os tinha afeitos ao comando - o sacerdote curvou-se até ao chão, tomou a escudela de coco e, sem dizer palavra, regressou à aldeia, para contar que havia visto, finalmente, um santo.

- Nunca encontrei na vida criatura assim. Vem das Planuras e é um brâmane dos brâmanes.

Então as mulheres da aldeia admitiram que o homem santo viria estacionar ali e prepararam os melhores petiscos para o seu recebimento. Petiscos montanheses são o que há de simples; mas com trigo e milho indiano, arroz e pimenta vermelha, pequeninos peixes dos riachos, mel selvagem, abricós secos, turmeric e gengibre, uma mulher devota prepara muita coisa boa.

A escudela que o sacerdote trouxe viu-se logo cheia de gulodices. Mas iria o santo permanecer lá? perguntava o sacerdote. Necessitaria dum *chela* - um discípulo - para servi-lo?

Teria cobertor que o resguardasse do frio? Gostaria dos quitutes?

Purun Bhagat aceitou os manjares e agradeceu ao doador.

Era sua intenção permanecer ali. Aquilo bastava, declarou o sacerdote. Pusesse a escudela de coco fora da ermida, no vão daquelas duas raízes do deodar, que diàriamente a encontraria refarta. Porque a aldeia grandemente se honrava da sua presença na montanha - e enquanto estas coisas dizia, o sacerdote olhava para o rosto de Purun Bhagat com a timidez do pequeno em face do grande.

Aquela tarde marcou o fim da peregrinação de Purun. Tinha alcançado o lugar que lhe parecia o pouso final - no silêncio e no espaço. Para êle agora o tempo estacionaria; sentado à porta da ermida, não podia saber se vivo ou morto; se era ainda um homem no govêmo de seus membros ou se parte da montanha, das nuvens, das chuvas que caem e dos raios de sol. Purun repetia a si próprio, baixinho, centenas e centenas de vêzes, um Nome, até que, a cabo de repetições, parecesse escapar-se mais e mais do seu próprio corpo, como prestes a fazer alguma tremenda descoberta; mas assim que o alvo ia sendo atingido, seu corpo o puxava para trás - e com amargura o santo advertia estar ainda amarrado à carne e aos ossos de Purun Bhagat.

Cada manhã a escudela aparecia cheia entre as raízes do deodar, trazida pelo sacerdote, por algum mercador Ladakhi, que, de passagem pela aldeia, se mostrava ansioso por ganhar benemerência, e ainda mais amiúde pelas próprias mulheres que preparavam a comida. Murmuravam-lhe elas, com a respiração suspensa: «Peça por mim aos deuses, Bhagat. Peça por fulana mulher de fulano. Peça por nós». De quando em vez alguma criança mais intrépida recebia a honra de trazer a escudela de Purun, o qual a via largá-la entre as raízes e fugir com a máxima velocidade das peminhas. Mas à aldeia Purun jamais desceu. Lá ficava ela, qual um mapa estendido aos seus pés. Via de longe o povo reunir-se à tarde nos pontos nivelados; via as manchas verdes dos pequenos arrozais, via os milharais de tom índigo e os quartéis de trigo, e na estação própria a florada vermelha dos amarantos, cuja minúscula somente é comida pelos hindus nos dias de jejum.

Em certa época do ano os tetos das cabanas tomavam-se quadradinhos do mais puro ouro, pois serviam de terreiro onde secar as espigas de milho. Colheita e sêca, plantação de arroz e ceifa, perpassavam-lhe pelos olhos, lá embaixo, nos terraços de cultura, e Purun meditava sobre o para onde iria ter tudo aquilo no correr do tempo.

Mesmo na parte populosa da Índia um homem não pode sentar-se quieto num ponto sem que vidinhas venham pousar-lhe em cima como sobre uma pedra; natural, pois, que naquela silenciosa amplidão breve aparecessem vidinhas conhecedoras da ermida de Káli, para inspecionar o intruso. Langurs, os macacões de bigodes gris do Himalaia, foram logicamente os primeiros, porque a curiosidade nêles dói; e depois de derrubada a escudela, que rolou pelo chão, e experimentados seus dentes na muleta, e

de caretas para a pele de antílope concluíram que a criatura humana ali sentada era inofensiva. A tarde saltava de cima dos pinheiros e pediam, estendendo as mãos, coisas para comer. Gostavam também do calor do fogo, e rodeavam-no até que Purun Bhagat os afastasse para botar mais lenha.

O romper da manhã encontrou muitas vezes um macaco a compartilhar o abrigo do seu cobertor. Durante todo o dia sempre ficava por ali um outro do bando, a resmungar com os olhos nas neves distantes, ou a enfiá-lo com ar de sabedoria.

Depois dos macacos veio um barasingh, veado grande, comparado ao europeu, porém, maior. Viera para acalmar o veludo dos seus galhos de encontro à pedra fria da estátua de Káli, mas ao dar com um homem na ermida fugiu. A imobilidade de Purun, entretanto, venceu-lhe o medo e, breve, ainda ressabiado, estava com o focinho rente ao ombro do peregrino. Purun ergueu a mão gelada e pousou-a sobre os chifres quentes, e aquele toque foi uma doce carícia para o filho das selvas; sua cabeça inclinou-se para que a mão da suave criatura melhor lhe corresse pelo veludo. Depois disso o barasingh trouxe a sua companheira e um filhote - gentis viventes que farejavam a coberta de Purun e vinham à noite, os olhos verdes a brilharem à luz da fogueira, comer sua parte nas castanhas frescas. O veado mosco, o mais arisco e o menor da espécie, veio também, com as grandes orelhas de coelho eretas. E até o silencioso masbick-nabá achou de obrigação vir ver o que significava aquela luz na ermida - e acabou repousando o seu focinho de rato no colo do Bhagat. Purun Bhagat chamava a todos «meus irmãos», e seu meigo apêlo de «Bhai! Bhai!» era de longe atendido. O urso negro do Himalaia, Sona, que tem uma marca de V sob o focinho, apesar de desconfiado que é, passava por ali muitas vezes, e, como o Bhagat não demonstrasse nenhum mêdo, Sona limitou-se a observá-lo; depois foi-se achegando, para ter os agrados do Santo e apanhar um pedaço de pão ou algumas cerejas silvestres. Frequentemente, quando pela calada matutina o Bhagat contemplava, do ponto mais alto do cabeço, o dia vermelho que vinha subindo detrás dos picos de neve, o urso aparecia a fungar nos seus calcanhares, varrendo com a mão por debaixo dos troncos caídos e retirando-a com um whuff de impaciência; outras vezes o primeiro passeio iuatinal de Purun o levava para onde o alentado bruto jazia a dormir; Sona, ao perceber rumor, erguia-se sobre as patas, pronto para a luta, atitude que abandonava ao perceber tratar-se do seu melhor amigo.

Quase todos os eremitas e santos que vivem retirados do mundo gozam da teputação de fazer milagres com os animais das selvas; mas todo o milagre se resume em conservar-se diante dêles imóvel, não fazendo nenhum movimento brusco que o assuste, e nunca, pelo menos durante os primeiros encontros, olhá-los diretamente. Os montanheses da aldeia viam o perfil do barasingh estampado em silhueta sobre o escuro da floresta oposta à ermida; viam o minaul - faisão do Himalaia, rutilando suas melhores côres diante da estátua de Káli; e viam os langurs sentados por lá, a brincarem com cascas de castanhas. Alguns dos meninos contavam ter visto Sona cantando para si próprio, à moda dos ursos, rente às grandes pedras roladas. Tudo isto firmara a reputação do Bhagat como fazedor de milagres.

Nada, entretanto, estava mais afastado do seu espírito do que a idéia de milagres. Purun admitia que tôdas as coisas eram um grande milagre, e homem que isto admite não se mete a realizá-los. Purun sabia que nada é grande e nada é pequeno neste mundo, e dia e noite lutava para pensar com o coração das coisas, retornando para donde sua alma tinha vindo.

(1) Veado de chifres revestidos duma pilosidade macia.

E tanto assim pensara que o seu cabelo despenteado lhe caíra sôbre os ombros; e a laje que ficava ao lado da pele de antílope cavara-se dum buraquinho no ponto de apoio da muleta; e o lugar entre as raízes onde a escudela repousava a maior parte do dia afeiçoara-se com a forma da vasilha. Também cada animal conhecia o ponto exato onde Purun acendia fogo.

Os campos mudavam de côr conforme as estações; os terreiros lá embaixo enchiam-se e desenchiam-se, e novamente se enchiam e outra vez se desenchiam; e outra vez e outra vez, ao vir dos invernos, os Indgars tiritavam nos galhos apendoados de neve, até que as mães macacas, no comêço da primavera, regressassem dos vales quentes, para onde emigram com os seus bebês de olhos nostálgicos.

Poucas mudanças se davam na aldeia. O sacerdote crescia em velhice e as crianças, que primeiro tinham vindo trazer a escudela, mandavam-na agora pelos seus filhos. E se alguém perguntava aos montanheses há quanto tempo vivia lá em cima o santo homem, respondiam - «Sempre viveu lá».

Certo ano vieram chuvas de verão como não havia memória de iguais. Durante três meses o vale viu-se envolvido em nuvens e cerração de molhar, com aguaceiros intermináveis sucedendo a aguaceiros sem fim. A ermida de Káli só aparecia a espaços, para os da aldeia, num rasgão de nuvem, e Purun chegou a passar todo um mês sem vislumbrar nesga do povoado. Escondiam-no as nuvens de cerração branca, que ondulavam, estiradas dum ponto para outro sem jamais perderem contato com os murmurejantes flancos do vale.

Por todo êsse tempo o Bhagat nada mais ouviu senão o som de milhões de aguazinhas, escorrendo das árvores, correndo pelo chão, pingando das folhas dos fetos ou pinoteando por canalículos rasgados de fresco nas rampas. Afinal o sol apareceu forte e fêz brotar dos deodars e rododendros a essência balsâmica, e de todas as coisas aquêle cheiro limpo que o povo diz - «cheiro de neve». Durou êsse sol uma semana; depois disso todas as chuvas se reuniram para um aguaceiro final - e a água caiu em cordas que torturavam o chão e o faziam uma lama única, Purun Bhagat acendeu fogo maior essa noite, porque estava seguro de que seus irmãos das selvas iriam pedir mais calor; nenhum dos animais, entretanto, veio abrigar-se na ermida, embora êle insistentemente os chamasse, desejoso de saber o que ia pela floresta.

Mas lá no mais forte da noite escuríssima, quando a chuva tamborilava como um milhão de tambores, Purun viu-se desperto por um puxo na sua coberta dado pela mãozinha dum langor.

- Muito melhor aqui do que nas árvores, murmurou Purun sonolentemente, estendendo uma ponta da coberta ao visitante. Aquece-te.

O macaco, porém, agarrou-lhe a mão e puxou-a rijo.

- É comida que queres? indagou o santo. Espera um momento, que prepararei alguma.

Mas assim que se ajoelhou para reacender o fogo, o langor correu para a porta da ermida, roncou e retornou, agarrando-se-lhe ao joelho.

- Que há? Que te está agitando, Irmão? perguntou Purun, vendo os olhos do langor cheios de coisas que o brutinho não podia expressar. A não ser que algum teu companheiro tenha caído em armadilhas - e ninguém as arma por aqui - não sairei para fora com um tempo dêstes. Olha, Irmão, até o b̄arasingb vem atrás de abrigo.

Os chifres engalhados do animal tatalaram dentro da ermida ao esbarrarem de encontro à risonha estátua de Káli.

Depois êle os baixou na direção de Purun, e com as patas dianteiras escarvou o chão, inquieto, emitindo sibilos pelas ventas semicerradas.

- Hai! Hai! Hai! exclamou o Bhagat. É essa a paga duma noite de abrigo que ofereço?

Mas o veado empurrou-o para a porta, e nesse momento Purun ouviu um som como de bocejo e viu duas laíes do chão afastarem-se, esguichando lama.

- Compreendo agora, murmurou Purun Bhagat. Vejo porque meus irmãos não vieram aquecer-se ao fogo desta noite.

A montanha está caindo - mas para que ir para fora? Seus olhos, porém, foram ter à escudela vazia e sua face demudou-se.

Eles deram-me comida desde que aqui cheguei e se agora não me apresso não existirá amanhã vivalma no vale. Tenho que avisá-los. Afasta-te, Irmão. Deixa-me chegar ao fogo.

O barasingh afastou-se de má vontade, permitindo que Purun metesse na fogueira um resinoso galho de pinho até vê-lo bem incendiado.

- Ah! Vieste avisar-me, disse depois o santo, erguendo-se, mas há melhor a fazer. Vamos agora, e dá-me o apoio do teu pescoço, Irmão, visto como só tenho dois pés.

Purun apoiou a mão direita sobre o congote do barasingh, ergueu o facho com a esquerda e, deixando a ermida, afundou pelo escuro adentro.

Nenhuma ventania, mas a chuva quase apagou o archote quando o veado escorregou de anca pelo declive abaixo. Logo que saíram da floresta mais irmãos do Bhagat a êle se juntaram, e o santo homem ouvia sem ver os langars apertarem-se em redor dêle e atrás o uhh! uhh! de Sona. A chuva aplastava seus compridos cabelos em mechas, a água espirrava sob seus pés e a samarra ocre lhe adería ao frágil corpo de ancião; mas Purun caminhava sem parar, firmemente, sempre apoiado no coilgote do barasingh. Não era mais o santo, e sim Sir Purun Dass, K. C. I. E., Primeiro-Ministro de um não pequeno Estado, homem afeito ao comando, que ia a evitar uma catástrofe. E a amassar lama caminharam o Bhagat e seus irmãos, até que a pata do veado desse na pedra dum terreiro e de suas ventas saísse o fungar do bicho que fareja Homem, Estavam na entrada do vilarejo, e logo o Bhagat bateu na janela de grades do ferreiro local, enquanto a chama do seu archote clareava o beiral do telhado.

- Para fora todos! gritou êle, desconhecendo a sua própria voz porque havia anos e anos que não falava alto para uma criatura humana. O morro está caindo! O morro está caindo! Para fora, todos daí de dentro!

- É o nosso Bhagat! disse a mulher do ferreiro. Ele vive entre os animais e sabe. Pega os pequenos e dá aviso.

Purun foi de casa em casa, sempre rodeado dos bichinhos e seguido de Sona a dar puffs impacientes.

O povo precipitou-se para as ruas - não passavam de setenta almas ao todo - e ao clarão de archotes viram o seu Bhagat segurando o aterrorizado barasingh, com os macacos agarrados à sua túnica e Sona, sentado sobre as patas traseiras, a roncar.

- Todos para o morro de além-vale! gritava Purun Bhagat. Ninguém se deixe ficar. Nós seguiremos por último.

E o povo da aldeia correu como só montanheses correm, certos de que a salvação estava na fuga para o morro de além-vale. Fugiram, chapinhando o ribeirão passado a vau e galgando, entre arquejos, os terraços de cultura. Atrás de todos vinham o Bhagat e seus irmãos. Mais e mais subiram os montanheses pela montanha oposta, a chamarem-se uns aos outros para verificar se não faltaria algum, e distanciaram-se de Purun Bhagat. Por fim o veado deteve-se à sombra dum pinhal a meia encosta, meia milha antes do alto. O mesmo instinto que lhe dera aviso do desmoronar da montanha advertia-o agora de que ali estava em seguro.

Purun Bhagat descaiu de lado numa vertigem, exausto da vida pela friagem da chuva e pelo esforço feito; mas antes de vir ao chão ainda gritou para as tochas lá da frente:

- Detende-vos e contai-vos, e depois que os montanheses se detiveram agrupados para a contagem, disse ao veado: Fica comigo, Irmão. Fica até.. . que... eu. . me. . . vá.

Nenhum montanhês - nem mesmo o sacerdote - se sentiu intrépido bastante para ir em socorro do Bhagat que lhes salvara a vida.

Acocoraram-se todos sob os pinheiros à espera de que o dia rompesse. Quando a luz do sol lhes permitiu ajuizar da catástrofe noturna, viram que o que restava da floresta, dos terraços de cultura e dos pastos retilhados de carreirinhos, não passava de uma enorme cicatriz vermelha em forma de leque, pontilhada de umas tantas árvores de raízes para cima. Aquêlê vermelho prolongava-se até a meio do morro onde se achavam, e no fundo do vale barrava o ribeirão que, represado, se ia alargando em lagoa côr de tijolo. Da aldeia, da estrada conducente à ermida, da própria ermida e floresta vizinha, nem sinal! Por milha de largo e dois mil pés de fundo a encosta da montanha esbarrandara-se de alto a baixo.

Visto e revisto o desastre, os montanheses, um a um, puseram-se a caminho para rezar diante do seu Bhagat. Viram-no de longe com o b̄rasingb imóvel ao lado, e ouviram os lúngars em choro nos galhos, e Sona a lamentar-se perto. Ao aproximarem-se, fugiram todos, e os montanheses encontraram o santo sem vida, de pernas cruzadas e o dorso apoiado de encontro a uma árvore. Sua face estava voltada para noroeste.

O sacerdote disse:

- Vejam! Um milagre depois de outro, porque esta atitude é a verdadeira atitude em que todos os sunnyasis têm que ser enterrados! Por isso, aí onde está aí ficará - e construiremos um templo para abrigo do seu corpo.

Antes de passado um ano o templo foi erguido - pequeno eremitério de pedra - e o morro tomou o nome de Morro do Bhagat, ponto de peregrinação com luzes e flôres a partir daquele dia. Mas nenhum dos montanheses ficou sabendo que o seu santo era mesmo Sir Purun Dass, K. C. I. E., D. C. L., Ph. D., etc., outrora Primeiro-Ministro do Estado de Mohiniwala e membro honorário ou correspondente de numerosas sociedades científicas que nunca fizeram nenhum bem neste mundo - nem o farão no outro.

Canto de Kabir!

*Leve era o mundo que êle susteve na mão!
De seus feudos era pesada a tradição.
Ele deixou o trono e o sudário vestiu
E como um verdadeiro bairagi partiu.*

*A seus pés o caminho de Delhi se estende,
Sal e Kikar guardá-lo-ão deste calor que acende.
A sua casa é o campo, é a turba é o deserto -
Bairagi, êle procura o seu caminho certo.*

*Olhou o hoirtem, com os olhos a fulgir
(Houve Um; há Um, só Um - disse Kabir);
Dissolveu-se nesta hora o nevoeiro da Ação,
E êle, Bairagi, escolheu a Direção.*

*Saber e discernir da terra os irmãos seus,
De seu irmão o bruto, e seu irmão o Deus.
Deixa o conselho para o sudário vestir,
Um Bairagi confesso (Ouves? disse Kabir).*



SERVIDORES DA RAINHA

Tinha chovido a cântaros o mês inteiro sobre o acampamento de Rawal Pindi, onde trinta mil homens e milhares de camelos, elefantes, cavalos, bois e mulas estavam reunidos para serem passados em revista pelo Vice-Rei da Índia.

O Vice-Rei andava às voltas com a visita do Emir do Afeganistão - rei selvagem dum país selvagíssimo, o qual trouxera consigo uma guarda de oitocentos cavaleiros ou uma locomotiva - homens selvagens e cavalos selvagens lá do fundo da Ásia Central. Todas as noites bandos desses cavalos estouravam, correndo tontos pelo acampamento - quando não eram os camelos que fugiam dos cabrestos e disparavam aos tropeções pelo cordame das barracas. Isso não tornava nada agradável o sono dos homens.

Minha barraca ficava longe da linha dos camelos e por isso me julguei a salvo; certa noite, porém, um homem enfiou a cabeça pela abertura e gritou:

- Saia depressa! Eles vêm vindo. A minha barraca já se foi.

Eu sabia o que significava aquele «êles», por isso enfiei as botas, a capa de borracha e precipitei-me em fuga, A pequenina Vixen, minha fox-terrier, saiu pelos fundos. Fora, um tumulto de grunhos, roncoss, berros - e lá se aplastou a minha barraca, com o mastro central partido, a dançar epilêpticamente debaixo da lona. Um camelo entalara-se nela. Apesar de furioso e

encharcado como me achava, não pude deixar de rir-me, mas continuei a correr, não sabendo quantos camelos corriam à sôlta. Em pouco tempo vi-me longe dali, à força de patinhar na lama. Súbito, dei de encontro à culatra dum canhão. Estava junto às linhas da artilharia, onde os canhões eram desatrelados durante a noite. Cansado de amassar lama sob o chuvisco, estendi minha capa sôbre a bôca do canhão, ajeitando-a de modo a formar uma espécie de cabana, e deitei-me embaixo.

E Vixen? pensei, Onde andarรก ela?

O sono já me vinha vindo quando ouvi um barulhar de arreios e um relincho, ao tempo em que uma bêsta passava, a sacudir as orelhas molhadas. Pertencia a uma bateria de canhões de parafuso; deduzi isso do ruído das correias, argolas, correntes e mais tralha do seu lombinho acolchoado. Canhões de parafuso são uns canhõesinhos feitos de duas partes separáveis, que se aparafusam no momento de usar. Os soldados içam-nos pelas montanhas acima, por onde quer que passe uma bêsta, pois são muito úteis nos terrenos pedregosos.

Atrás da bêsta vinha um camelo, cujos cascos moles escorregavam na lama. Vinha balançando o pescoço, qual galinha tonta. Felizmente eu conhecia a língua dos animais - não dos animais selvagens, mas dos que viviam naquele acampamento - de modo que pude compreender a conversa. Tratava-se do mesmo bruto que ruíra minha barraca.

- Que fazer? Para onde ir? dizia êle à bêsta. Tive um encontro sério com uma coisa branca, que flutuava e me bateu com um pau no pescoço. Referia-se ao mastro da barraca.

- Devo continuar a correr? perguntou depois.

- Oh, é então você, respondeu ela, você e mais os seus amigos que causaram tôda esta desordem no acampamento? Muito bem. Vão todos levar surra amanhã, e o mais que posso fazer é dar alguma coisa por conta.

Ouvi um trinclido de arreios e um som de tambor; o camelo recebera na barriga duas parelhas de coices.

- Isto ensinará a você, disse ela, que não se corre impunemente pelo meio duma bateria de bêstas à noite, gritando, como um bôbo: «Ladrões! Fogo!» Deite-se, e fique quieto com êsse estúpido pescoço.

O camelo dobrou-se à moda dos camelos e sentou-se, gemendo.

Nisto rompeu no escuro um parará ritmado - e logo um cavalo de guerra chegou em galope de ordenança, como se estivesse em parada: pulou por cima dum canhão e veio cair perto do criminoso.

- Que vergonha! murmurou assoprando pelas ventas.

Estes camelos novamente estouraram pelas nossas linhas, pela terceira vez esta semana. Como há de um cavalo conservar-se em forma, se não o deixam dormir?

E percebendo a bêsta:

- Quem é você?

- Sou a mula da culatra número dois da Primeira Bateria de Canhões de Parafuso, respondeu a bêsta, e este cá é um dos tais. Também a mim me veio acordar. E você?

- Número quinze, tropa E do Nono de Laficeiros. Sou o cavalo de Dick Cunliffe, Abra espaço, faça o favor.

- Oh, desculpe, disse a mula. Está tão escuro que não vejo nada. Éstes camelos são umas pestes. Tive de deixar minha cama em busca de um pouco de calma aqui, - senhores, disse o camelo com humildade, tivemos sonhos maus esta noite e ficamos cheios de mêdo. Eu sou um dos camelos do comboio do 39 de Infantaria Indígena, e não posso gabar-me de ter tanta coragem como os amigos,

- Então por que não ficou com a bagagem do 39, em vez de meter-se a galopar pelo acampamento? observou a mula.

- Maus sonhos, já disse, Queiram desculpar-me. E agora? Devo continuar a correr?

- Deite-se, ordenou a mula, ou você vai quebrar essas estacas, a que chama pernas, de encontro às baterias.

Em seguida empinou as orelhas à escuta.

- Bois! disse ela. Bois da bateria! Os camelos despertaram todo o campo, ao que vejo. Olhe que é preciso fazer um serviço limpo para acordar até um boi de bateria!

Nesse momento chegou-me aos ouvidos um barulho de corrente a arrastar-se - e logo divisei uma junta desses grandes bois brancos que puxam os pesados canhões de assédio, quando, nas horas de fogo, os elefantes se recusam a avançar. Atrás deles vinha outra mula de bateria, que chamava desesperadamente por «Billy».

- É uma das nossas recrutas, disse a primeira mula ao cavalo. E voltando-se para a recém-chegada: Aqui, menina! Basta de espantos, Escuridão nunca fez mal a ninguém.

Os bois da bateria deitaram-se e puseram-se a ruminar, enquanto a mula nova se achegava de Billy.

- Coisas horríveis, Billy! disse ela, Coisas horríveis entraram pelas nossas linhas enquanto dormíamos. Será que nos vão matar?

- Só mesmo a coice! Uma senhora mula desse tamanho e com a educação que você tem, a envergonhar a bateria diante deste cavalheiro!

- Devagar, devagar! murmurou o cavalo. Lembre-se de que somos todos assim no começo, Da primeira vez que vi um homem (foi na Austrália e eu tinha três anos), corri metade de um dia - e se tivesse visto um camelo estaria a correr ainda...

Quase todos os cavalos da cavalaria inglesa nas Índias procedem da Austrália e são amansados pelos próprios soldados.

- Não deixa de ser verdade, concordou Billy - Mas basta de tremuras, menina. Da primeira vez que levei no lombouma cangalha completa, com tôdas as suas correias e losos e o diabo, corcoveei como nunca, e atirei com tôda a tralha longe.

E apesar de ser ainda uma ignorante na verdadeira ciência do coice, todos da bateria disseram jamais ter visto nada igual.

- Mas não se trata aqui de cangalhas ou do que seja, objetou a mulinha nova. Nada disso me espanta. Eram coisas enormes como árvores, que caíam do alto, roncando; meu cabresto partiu-se e não pude mais achar meu condutor - nem pude encontrar você, Billy,, Fugi então como doida, seguida destes senhores.

- Hum! exclamou Billy, Logo que vi os camelos disparados tratei de safar-me por minha conta e risco. Oh, mas para que uma mula de bateria (de bateria de canhão de parafuso) chame «senhores» a estes bois é preciso que esteja realmente emocionada... Quem são vocês, que mal chegaram já se deitaram?

Os bois engoliram o bôlo que ruminavam e responderam a um tempo:

- Somos a sétima junta do primeiro canhão da Artilharia de Assédio, Estávamos dormindo quando os camelos chegaram e, como viessem para cima de nós, escapamos por aqui, Antes dormir em sossêgo nesta lama do que estar em perigo sobre boa palha. Dissemos a esta senhora (e apontaram com a língua para a mulinha) que não havia motivos para assustar-se, mas ela pensou de outra maneira, Wah!

E continuaram a ruminar.

- É em que dá ter medo, disse Billy, Tornamo-nos objeto de troça até de bois de bateria. Isto deve ser muito agradável a você, senhora mulinha. . .

Os dentes da mulinha estalaram, e ouvi-a gritar que jamais tivera medo a «bifes»; os bois, porém, contentaram-se com esfregar os chifres um no outro, sem nada responder.

- Agora, mulinha, não se mêta colérica só porque teve medo. É a pior espécie de covardia, disse o cavalo, Nada mais perdoável do que ter medo à noite, quando vemos coisas incompreensíveis. como penso, Nós, cavalos, já disparamos em bando de quatrocentos, só porque um nôvo recruta se pôs a contar histórias das serpentes de fogo que existem na Austrália. Ficamos a ponto de morrer de medo à simples vista dos cabrestos pendentos dos moirões de amarra.

- Tudo isto não é nada nos acampamentos, disse Billy.

Eu mesmo costumo disparar por desfastio quando passo prêsa dois ou três dias. Mas em campanha?

- Oh, aí o caso é diverso, respondeu o cavalo, Dick Cunliffe está sempre sôbre o meu lombo, a apertar-me com o joelho dos dois lados. Tudo quanto posso fazer é olhar para onde meto os pés e obedecer às rédeas.

- Que história é essa de obedecer às rédeas? perguntou a mulinha.

- Pelas Árvores de Goma de Back Block! relinchou o cavalo, Quer você que eu acredite que a senhorita não sabe o que é obedecer às rédeas? Para que serve uma bêsta, se não se volta ligeira quando a rédea é estirada dêste ou daquele lado? Isso é questão de vida ou de morte para o cavaleiro - e naturalmente também de vida ou de morte para a cavalgadura. Temos que frear a marcha logo que sentimos a pressão da rédea. Se não há espaço para uma volta, temos de empinar a cabeça, descarregando todo o pêso do corpo nas pernas de trás. Eis o que se chama obedecer às rédeas.

- A nós não nos ensinam dessa maneira, disse Billy friamente. Temos que obedecer ao homem que segue a frente; avançar, se êle nos dá ordem para isso ou recuar, se nos manda recuar, Creio que isto dá na mesma. Mas, afinal de contas, depois dessa bela proeza de descarregar o corpo sôbre as pernas traseiras, etc., e tal, que é que acontece?

- Isso depende, respondeu o cavalo. Em regra tenho de lançar-me contra magotes de homens cabeludos que urram, armados de facas - longas facas rebrilhantes, piores do que as facas dos veterinários - e tenho de estar atento para que a bota de Dick não esbarre na do homem que vem a par dêle.

Vejo a lança de Dick com o rabo do ôlho direito e sei que não há perigo, Ah, não queira ninguém ser o cavalo ou o homem que se atrevesse em nosso caminho - meu e de Dick - quando nos atiramos para a frente...

- Essas facas fazem mal? perguntou a mulinha.

- Ora se! Certa vez apanhei um golpe no peito - mas não por culpa de Dick, não.

- Se fôsse comigo eu não ficaria sem saber quem era o culpado, murmurou a mulinha.

- Não é assim, replicou o cavalo. Se a gente não confia no homem que nos monta, melhor então abandonar o serviço.

É o que certos cavalos fazem - e não os culpo, Mas, como ia dizendo, a culpa não foi de Dick. Estava um homem deitado de bruços na minha frente e eu manobrei para não esmagá-lo; nesse momento recebi o golpe de baixo para cima. Outra vez que tiver de passar por sobre um homem, hei de assentar as patas bem em cima - e com todo o pêso.

- Hum! exclamou Billy. Isso me cheira a tontice. Facas são sempre horríveis, A melhor coisa a fazer é galgar morros, com arreios bem ajustados, pés rijos e orelhas atentas, até ficar a boa distância de todo o mundo, num ponto onde haja base firme para os cascos, E então ficar imóvel, Nada de deixar que um homem manobre o nosso queixo. Apenas permanecer imóvel, enquanto os canhões são aparafusados. E ver os obuses caírem ao longe, por entre as árvores, rebentando como pipocas vermelhas.

- Não tropica você nunca? perguntou o cavalo.

- Mula não tropica nunca. De vez em quando uma sela mal posta talvez nos faça perder o equilíbrio, mas é raro. Eu tinha vontade que você conhecesse o nosso serviço. É perfeito, Mas levei três anos para descobrir o que os homens queriam de mim. Tôda a ciência está em esconder o mais possível o corpo, pois do contrário é certo vir bala, Nunca se esqueça das minhas palavras, menina. Fique sempre o mais escondida possível, mesmo que tenha de dar uma grande volta.

Sou eu quem conduz a bateria nas escaladas dêste gênero.

- Deixar-se fuzilar sem um arremêso contra quem nos fuzila? observou o cavalo franzindo a testa, Não compreendo semelhante coisa, Eu gosto de dar cargas, com Dick.

- Oh, não, não, A gente sabe que, colocados os canhões nos pontos próprios, as cargas são com eles, Isto, sim, é científico; mas lutar peito a peito contra as facas, pah!

Durante a conversa o camelo movia a cabeça de cá para lá, procurando meter o bedelho no assunto. Por fim murmurou com timidez, depois de tossir o pigarro:

- Eu... eu... eu também lutei um bocadinho, mas não dessa moda de subir morros ou de dar cargas a galope.

- Sim? fez Billy, Ficamos cientes. Você não tem mesmo muito ar de bicho próprio para subir morros ou galopar...

Mas conte lá como foi a sua luta, cargueiro velho.

- Da maneira certa, respondeu o camelo. Nós todos nos deitamos...

- Oh, meu Rabinho de couro de búfalo! exclamou o cavalo entre dentes. Deitados! Lutar deitado...

- Nós todos nos deitamos, uma centena mais ou menos, num enorme quadrado, prosseguiu o camelo, e os homens, depois de empilharem os nossos kajawahs, as cargas e arreios a certa distância, puseram-se a dar tiros escondidos atrás de nós - sim, atrás.

- Que espécie de homens eram êsses? Quaisquer homens ao acaso? perguntou o cavalo. Na escola de exercícios, nós, cavalos, aprendemos a deixar que os cavalgantes atirem por cima dos nossos corpos, mas Dick Cunliffe é o único no qual tenho confiança para isso. Sinto cócegas no pescoço e, com a cabeça por terra, nada vejo do que se passa.

- Que importa que seja êste ou aquêle quem atire por trás de nós? replicou o camelo. Indiferente. Nessas ocasiões ficam juntos muitos camelos e inúmeros homens - e é aquela fumaceira! Eu de mim confesso que não sinto nenhum medo.

Conservo-me bem quieto à espera.

- Sim, sim, não têm medo - no entanto de noite sonham os tais sonhos que põem o acampamento em polvorosa...

Cá comigo é diferente. Se quiserem que me deite para que um homem atire por detrás de mim, meus cascos vão primeiro conversar com a cara dêle... É lá possível admitir semelhante coisa?

Houve um longo silêncio. Em seguida um dos bois da bateria levantou a cabeçorra para dizer:

- Tido isso é na realidade bem absurdo. O verdadeiro sistema de combater parece-me outro.

- Continue, disse Billy. Não olhe para mim. Imagino que os bois combatem pondo-se em pé sobre a cauda...

- O verdadeiro sistema é um só, disseram os dois bois a um tempo (eram gêmeos). Consiste nisto: encangar vinte juntas ao canhão grande logo que Duas Caudas começa a trombetear. (Duas Caudas é o nome do elefante em gíria de acampamento).

- E por que Duas Caudas trombeteia? perguntou a mulinha.

- Para declarar que se recusa a seguir para onde está a fumaceira, Duas Caudas não passa dum grande poltrão. Assim que isso acontece, nós nos pomos à frente do canhão grande. Heia, Hullah! Heeiah! Hullah! Cá conosco, nada de subir encostas como gatos, nem de galopar como bezerros. Seguimos pela planície, vinte juntas cada vez, até que nos desencanguem. E ficamos a pastar enquanto os grandes canhões conversam com as aldeias de palhoças, cujas paredes desmoronam dentro de nuvens de poeira - como se enormes rebanhos estivessem entrando para um curral.

- Oh, e vocês escolhem justamente êsse instante para pastar?..... observou a mulinha.

- Esse momento ou outro qualquer, Pastar é sempre agradável. E nós pastamos até que nos ponham de novo na canga, para a volta ao ponto onde Duas Caudas nos espera. Às vezes, lá da aldeia, outros canhões respondem ao nosso e caem alguns companheiros. Destino. Mas não resta dúvida que Duas Caudas é um grande covarde, não acham? Eis o verdadeiro sistema de combater. Nós somos irmãos, eu cá e êste outro. Nascemos em Hapur. Nosso pai foi um touro consagrado a Civa. É só.

- Muito bem, disse o cavalo. Aprendi alguma coisa esta noite, Mas, digam-me senhoras dos canhões de parafuso: por acaso sentem-se inclinadas a pastar quando a artilharia ronca e Duas Caudas permanece lá atrás?

- Não podem falar disso os que se deitam para que os homens dêem tiros entrincheirados em seu corpo, nem os que se arremessam contra gente armada de facas. São absurdos equivalentes. Disparates! Um relêvo de montanha, uma cangalha bem ajustada, um condutor de confiança - e sou uma sua criada. Mas essas tais outras coisas, tenham paciência! disse com desprezo Billy.

- Evidentemente, contraveio o cavalo, nem todos nós somos feitos do mesmo pau, e vejo que na sua família, senhora mula - e do lado paterno - havia muita dureza de côco para compreender certas coisas.

- Não se mêta com a família de meu pai! protestou Billy colérica (tôdas as mulas se irritam quando lhes lembram que seus pais foram jumentos). Meu pai, continuou ela, foi um «gentleman» do Sul, que não vacilava em pôr em pandarecos qualquer cavalo. Não esqueça disto, senhor Brumby.

Brumby quer dizer animal sem raça, cavalo à-toa. Imaginem o ressentimento dum vencedor do Derby, se um sendeiro de trole lhe chamasse égua lazarenta! O cavalo australiano ofendeu-se a sério. Vi o branco dos seus olhos brilhar no escuro.

- Espere lá, filha de asno de importação malaguenha, rosou êle entre dentes, furioso. Vou mostrar que sou descendente, pelo lado materno, de Carbine, o vencedor do Grande Prêmio de Melbourne, e que não estamos habituados, lá na nossa terra, a ouvir desaforos duma bêsta de língua de papagaio e cabeça de porco, que trabalha em bateria de tiaques da China. Está pronta?

Os dois quadrúpedes já se erguiam nas pernas de trás, cara com cara, prontos para terrível luta, quando uma voz grossa e lenta rompeu do escuro, à direita.

- Calma, calma, meu filhos. Que briga é essa?

Os dois animais aquietaram-se, mas com ar desgostado, porque tanto os cavalos como as mulas não podem suportar a voz do elefante.

- É Duas Caudas, murmurou o cavalo. Não o tolero.

Duas Caudas - uma em cada extremidade do corpo, é demais...

- Também penso assim, concordou a mula achegando-se ao cavalo por necessidade de companhia. Somos parentes em muita coisa, senhor cavalo.

- Esse parentesco suponho que procede de nossos mios, observou úste. Não vale a pena brigarmos. Olá, Duas Caudas, estúi você na corrente?

- Sim, respondeu o elefante com uma risada que lhe desceu rolando pela tromba.

Estou prêso ao moirão da noite.

Ouvi a conversa. Não tenham mêdo que não posso sair de onde estou.

Os bois e os camelos murmuraram a meia voz:

- Ter mêdo de Duas Caudas! Que absurdo!

Em seguida os dois bois disseram, dirigindo-se ao elefante:

- Sentimos muito que você ouvisse a nossa conversa, mas dissemos a verdade pura. Por que é que você tem mêdo de canhão quando o canhão fala?

- Sim, sim, disse Duas Caudas esfregando uma peina na outra tal qual menininho que recita poesia. Não sei se poderão compreender-me. . .

- Nós só compreendemos que somos obrigados a puxar os canhões grandes, disseram os bois.

- Sei disso e sei também que os bois são muito mais valorosos do que se pensa. Mas comigo as coisas mudam, Outro dia o meu capitão chamou-me Anacronismo Paquidermatoso.

- Quererá isso dizer algum nôvo sistema de lutar? perguntou Billy, que estava recobrando a sua vivacidade.

- Vocês não podem saber o que isto significa, é natural.

Mas eu sei, Significa que posso prever, cá com a minha cabeça, o que acontece quando um obus arrebenta.

- Eu também posso, disse o cavalo. Até certo ponto, posso, mas procuro não pensar.

- Pois eu posso melhor do que todos, e penso muito nisso. Meu tamanho me obriga a pensar muito em mim mesmo, porque quando fico doente ninguém sabe curar-me. Tudo quanto fazem é suprimir a paga do comaca até que eu sare - e como ter confiança num comaca?

- Ah! exclamou o cavalo. Isso explica muita coisa. Já eu tenho tôda a confiança em Dick.
- Pois eu, ainda que tivesse todo um regimento de Dicks sôbre o costado, não me comportaria de outra maneira. Sei onde o sapato me aperta e não sou tolo.
- Pois nós nada compreendemos, declararam os bois.
- Sei disso, mas não estou falando com vocês. Os bois ignoram o que é sangue.
- Como ignoram? protestaram êles. Sangue é um líquido vermelho que embebe a terra e tem cheiro.

O cavalo soltou no ar uma parelha de coices, e relinchou.

- Não me fale de sangue, Só a palavra já me dá ganas de fugir, quando não tenho Dick na sela.
- Mas não há sangue por aqui, disseram o camelo e os bois. Não seja estúpido.
- Sangue é algo horrível. A mim não me dá ganas de fugir, mas procuro não pensar no assunto.
- Com que então vocês... começaram a dizer Duas Caudas, agitando uma delas.
- Sim, nós.. . responderam os bois. Nós. . . estamos aqui..

Duas Caudas bateu com uma pata no chão, fazendo retinir as correntes.

- Não me estou referindo a vocês. Você não sabem ver com os olhos lá de dentro.
- É verdade, Só enxergamos com os olhos de fora, responderam os bois. Vemos em linha reta o que está bem diante de nós.
- Se eu fôsse como os bois, os bois não teriam necessidade de puxar a artilharia grossa. Se eu fôsse como e meu capitão - êle vê muito bem com os olhos de dentro e quando começa o fogo treme da cabeça aos pés, mas não se mete a fugir - se eu fôsse como êle, está claro que puxaria os canhões de assédio.

Mas se eu fôsse tão inteligente assim, não estaria aqui, e sim na floresta, qual um rei, dormindo à farta e banhando-me sempre que o desejasse. Faz já semanas que não tomo um bom banho.

- Está tudo muito bonito, disse Billy, mas dar nomes a uma coisa em nada a melhora.
- H'sh! assoprou o cavalo, Creio que compreendi a explicação de Duas Caudas.
- Compreenderá muito melhor daqui a pouco, gritou o elefante colérico. Quero agora que me explique porque não gosta disto.

E começou a trombetear furiosamente.

- Pare! Pare! berrou Billy e berrou o cavalo, pondo-se ambos a espemejar, irritados. O trombeteamento dum elefante é sempre desagradável, sobretudo em noites negras.
- Não paro. Quero que me expliquem isto: Hbrrmph! Rrrt! Rrrmph! Rrrrha!

Súbito, deteve-se e eu ouvi um ganido no escuro. Era Vixen que me havia encontrado afinal. Vixen sabia que a coisa que mais mete mêdo a um elefante é a voz do

cachorro e por isso correu para o lado dêle a fim de latir em redor das suas patorras. Duas Caudas agitou-se e gritou:

- Sai daqui, cachorrinha! Não se chegue que te dou uma patada. Cachorrinha. . . Linda cachorrinha.. . Sai! Sai!

Vai latir para longe! Por que não vem alguém tirar êste bicho daqui? É capaz de morder-me dum momento para outro.

Eu então assobie e Vixen veio correndo, toda suja de lama, e depois de beijar-me no nariz contou a longa história da sua travessia pelo campo. Vixen ignorava que eu sabia a língua dos animais - e foi bom isso para que não tomasse muitas liberdades. Por fim abotoei-a dentro da minha capa, enquanto Duas Caudas continuava a agitar-se, resmungando:

-É extraordinário! Absolutamente extraordinário! Um mal de família. Mas para onde iria a pestinha?

Percebi que o elefante tateava em redor de si com a tromba.

- Todos nós temos as nossas fraquezas, disse êle depois, assoprando. Agora, meus senhores, compreendo porque se alarmam quando trombeteio.

- Alarmados propriamente não ficamos, observou o cavalo, mas a mim me dá a sensação de ter passarinhos no lombo, em vez de sela. Não recomece, por favor.

- Sim, tenho mêdo de cachorrinhos, e aí o senhor camelo tem mêdo de sonhos maus.

- Bem bom para nós que não tenhamos todos de combater do mesmo modo, advertiu o cavalo.

- O que eu queria saber, disse a mulinha que havia guardado silêncio até ali, é por que motivo combatemos.

- Ora! Combatemos porque nos mandam combater, resolveu o cavalo com um rincho de desprêzo.

- Recebemos ordens, sim, disse Billy ringindo os dentes.

- Hukm hai! (Ordem, sim) gemeu o camelo num grugulejo - e Duas Caudas, mais os bois, repetiram: Hukm hai!

- Sim, sim; mas quem dá ordens? continuou a mulinha.

Veio a resposta em côro:

- O homem que segue na frente - o que nos cavalga - o que nos puxa pelo nariz - o que nos torce a cauda, disse Billy, disse o cavalo, disse o camelo e disseram os bois.

- Mas quem dá a êsses homens ordens para isso?

- Está querendo saber demais, menina, murmurou Billy.

Essas curiosidades costumam atrair coices, Tudo o que a me, nina tem a fazer é obedecer sem rezingar ao homem que segue na frente.

- Billy está com a razão, observou o elefante. Mas eu não posso obedecer sempre, sempre, porque sou meio cá meio lá; mas Billy tem razão. Há que obedecer ao homem que nos leva, sob pena de atrapalhar a marcha de tôda a bateria - além da surra.

Os bois ergueram-se; iam retirar-se.

- A manhã vem rompendo, disseram. Vamos regressar às nossas linhas. É bem verdade que só enxergamos com os olhos de fora, e que somos muito pouco jeitosos; esta noite, entretanto, fomos, nós dois, os únicos que não mostraram mêdo. Até logo, heróis.

Ninguém respondeu - e o cavalo, para disfarçar, perguntou, mudando de conversa:

- Onde está o cachorrinho? Em qualquer parte onde anda um cão anda um homem.
 - Aqui estou eu, latiu Vixen, debaixo da culatra, com o meu homem. Esse estúpido camelo nos derrubou a barraca e meu homem está furioso.
 - Pff! assopraram os bois. É branco êsse homem?
 - Está claro que é, respondeu Vixen. Eu lá ia andar com algum boieiro sujo?
 - Huah! Uch! Uch! assopraram de nôvo os bois. Raspemo-nos daqui.
- Logo adiante entalaram a canga no cabeçalho duma carreta de munição.
- Ora muito bem! gritou Billy com tôda a calma. Não lutem por escapar que é pior. Esperem que rompa o dia.

Os bois, entretanto, debatiam-se, patinando na lama, no esfôrço de se arrancarem dali; por fim quase caíram e ficaram semideitados na lama, ofegantes, a bufar resmungos.

- Acabam quebrando o pescoço, observou o cavalo. E tudo isso só porque ouviram falar em homem branco. Que mal fazem os homens brancos? Eu vivo muito bem com êles.
- Eles... êles nos comem! Fôrça companheiro! e os bois redobraram de esforços, conseguindo afinal romper a canga e fugir.

Só então percebi o motivo pelo qual o gado indiano mostra tanto mêdo aos inglêses. É que os inglêses comem carne - coisa proibida aos nativos - e está claro que o gado não gosta disto.

- Nunca pensei, observou Billy, que postas de carne dêsse tamanho perdessem a cabeça. Mêdo do homem...

- É o que não tenho, e quero ver já êsse homem branco.

Eles sempre trazem coisas nos bolsos, disse o cavalo.

- Bem, e eu vou deixá-lo, amigo, porque não posso dizer o mesmo. Além do mais, êsses homens brancos que não dormem em lugar certo não passam de ladrões - eu trago no meu lombo muita coisa pertencente ao govêmo. Venha menina.

Voltemos para o nosso campo. Boa noite, Austrália! Você vai figurar na parada amanhã, com certeza. Lá nos velemos.

Boa noite, fardo de feno! Trate de dominar os terrores noturnos, ouviu? Boa noite, Duas Caudas! Se passar por nós amanhã na parada, faça o favor de não trombetear, sim? Isso nos estraga tôda a formação.

E Billy lá se foi, trotando no seu passo marcial de velho soldado. Logo após, senti tocar em meu peito o focinho da cavalo. Dei-lhe um pedaço de biscoito, e Vixen, que é a criaturinha mais fútil do mundo, começou a contar-lhe potocas dos numerosos cavalos que nós, eu e ela, possuíamos.

- Amanhã irei à parada no meu carrinho, disse Vixen. Onde vai ficar você, senhor cavalo?
- À esquerda do segundo esquadrão. Sou quem regula o passo de toda a tropa, senhorita. E agora vou ter com Dick.

Minha cauda está toda suja de lama. Dick terá umas duas horas de trabalho para pôr-me em forma, antes da parada.

A grande revista dos trinta mil homens realizou-se depois do meio-dia. Vixen e eu ocupávamos um bom lugar peno do Vice-Rei e do Emir do Afeganistão. O Emir trazia na cabeça um grande quépi de astracã negro, com enorme estrêla de diamantes na frente. A primeira parte da revista transcorreu em pleno sol; os regimentos desfilaram em sucessivas vagas de pernas a moverem-se todas juntas, embaixo dos fuzis apumados em linha, coisa de doer nos olhos.

Depois chegou a vez da cavalaria, que desfilou ao som da Bonnie Dundee, e Vixen conservou-se de orelhas em pé, sentadinha na boleia do meu «dog-cart», Quando

o segundo esquadrão de lanceiros passou pela nossa frente, vi o cavalo da conversa noturna aparecer caracolando, uma orelha ereta e outra pendente, a cauda bem penteada. Era quem dava o tom a todo o esquadrão, com as pernas a moverem-se como reguladas por música.

Vieram depois os canhões de assédio e vi Duas Caudas com mais dois companheiros atrelados a uma peça de quarenta, tendo atrás de si um lote de vinte juntas de bois. A sétima junta trazia uma canga nova e mostrava-se cansada. Por fim vieram baterias de canhões de parafuso, e nela Billy, a mula, comportava-se como se fôsse a comandante de tôda a tropa com os metais dos arreios polidos a ponto de atrapalhar os olhos. Aplaudi a excelente mula, que por coisa nenhuma no inundo voltaria a cabeça.

Nisto a chuva sobreveio e a cortina que embaciou o ar impediu-me por algum tempo de ver o que as tropas faziam.

Estavam formadas na planura em amplo semicírculo e iam-se desdobrando em linha. Linha que se foi estirando por três quartos de milha - sólido dique de homens, cavalos e fuzis. Em seguida tudo marchou em reta para onde estavam o Vice-Rei e o Emir - e à medida que se aproximava o solo tremia como um vapor cargueiro quando as máquinas forçam a pressão.

Só quem já viu faz idéia do efeito impressionante que êste avanço de tropas em massa produz no espírito dos espectadores, embora todos saibam tratar-se apenas duma parada. Olhei para a cara do Emir, que até então fugira de manifestar o mínimo indício de espanto pelo que quer que fôsse, e notei que seus olhos se iam arregalando e que insensivelmente puxava as rédeas do cavalo e olhava para trás. Por um instante pareceu-me vê-lo a pique de sacar da espada para abrir caminho através dos ingleses, homens e mulheres, que se apinhavam em redor.

Mas a arrancada para a frente logo se deteve; o solo cessou de tremer e as tropas do avanço, em uníssono, saudaram os homenageados ao som de trinta bandas de música. Era o fim da revista. Os regimentos regressaram aos seus campos encharcados de água.

Os animais iam dois a dois, Hurrah!
Os animais iam dois a dois
O elefante e a mula de bateria
Entraram todos para a Arca
Para se abrigarem da chuva.

Ouvi então um velho chefe de comprida cabeleira grisalha, vindo com o Emir da Ásia Central, propor perguntas a um oficial indígena.

- Mas como conseguiram chegar a esta coisa maravilhosa?

O oficial respondeu:

- Uma ordem foi dada e todos obedeceram.

- Mas os animais... São êles então de tanta inteligência como os homens?

- Os animais igualmente obedecem. Mulas, cavalos, elefantes, bois, todos obedecem ao seu condutor; o condutor obedece ao sargento; o sargento obedece ao tenente; o tenente obedece ao capitão; o capitão obedece ao major; o major obedece ao coronel; o coronel obedece ao general-de-brigada; o general-de-brigada obedece ao general-de-divisão, E êste obedece ao Vice-Rei, que é um humilde servo da Imperatriz. É dêste modo que as coisas se passam.

- Que bom se fôsse assim no Afeganistão! observou o velho. Lá só obedecemos à nossa própria vontade.

- É por isso, conclui o oficial, frisando os bigodes, que o vosso Emir, ao qual não obedeceis, está aqui recebendo ordens do nosso Vice-Rei.

Canto de parada dos animais de campo

ELEFANTES DE BATERIA

*Alexandre nos deu a força de Hércules,
A ciência de nossas frentes; a astúcia de nossos joelhos;
Pesa-nos ao pescoço a canga: não se desaferra,
Perfilai-vos aqui, parelhas de dez pés
Das grandes peças de guerra.*

BOIS DE BATERIA

*Estes heróis ajazados temem a bala do canhão
E pode até incomodá-los a poeira que sobe da terra.
Puxemos estas carretas! Entremos logo em ação.
Perfilar-vos, juntas de vinte jugos,
No cortejo das peças de guerra.*

CAVALOS DE CAVALARIA

*Pelo sinal de minha espúdua a mais suave das canções
É a que cantam os lanceiros, os hussardos e os dragões.
Mais do que “Estábulo” e “Água” e mais acarícia
A Bonnie Dundee outro hino de cavalaria!*

*Dêem-nos o feno e o freio, dêem-nos o cuidado, moços de estrebaria,
e espaço dilatado.*

*Ponham-nos em coluna para se notar
Que nós ao som da “Bonnie” vamos desfilar!*

MULAS DE ALBARDA

*Eu e os meus companheiros
Galgamos os outeiros -
O caminho é perdido, pedregoso, ingente,
Mas mesmo assim iremos sempre pai-a a frente.
Por qualquer lugar
Estaremos agora a galgar, a trepar.
No monte, é para nós o melhor dos ideais
O possuir uma ou duas pernas a mais.*

|

*Bem haja pois cada sargento
Que nos deixa escolher a própria via.
Mal haja cada condutor
Que a sua carta não amarraria.*

*Por qualquer lugar
Estaremos agora a galgar, a trepar.
No monte, é para nós o melhor dos ideais
O possuir uma ou duas pernas a mais.*

CAMELOS DO COMISSARIADO

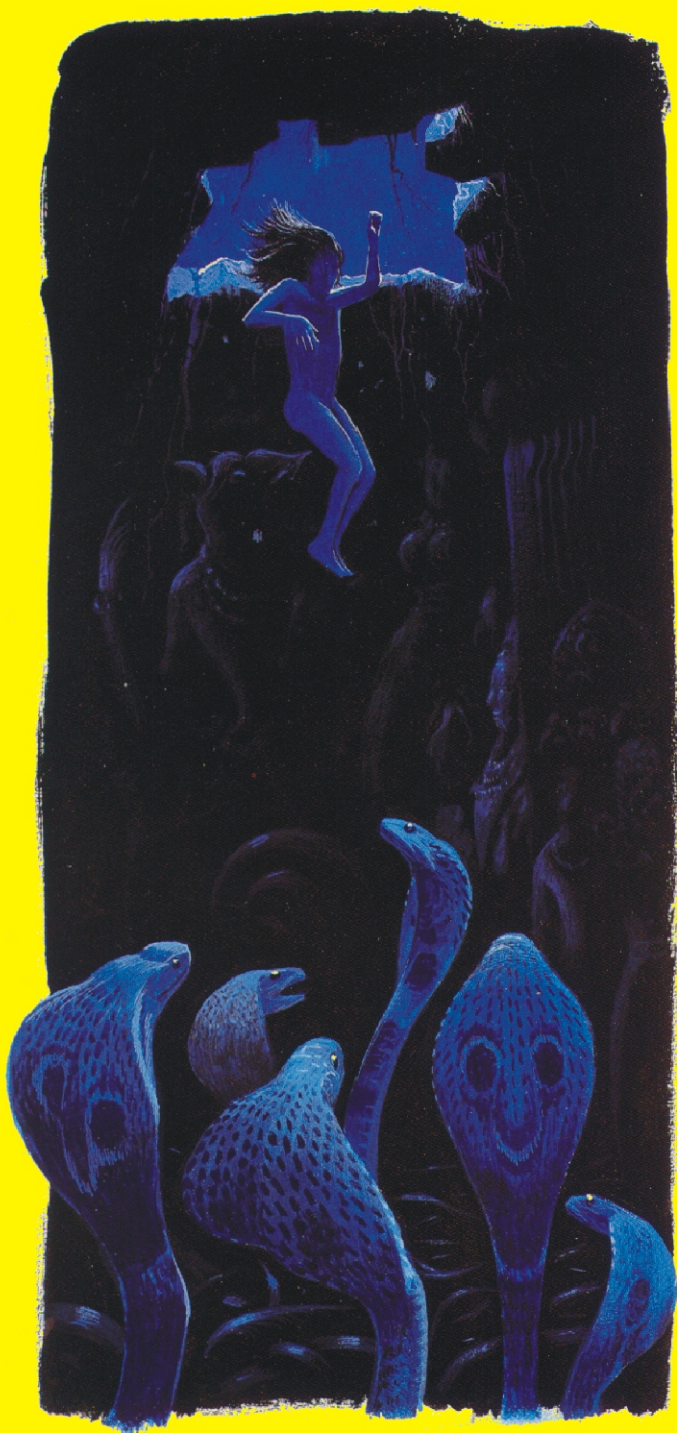
*Os camelos não têm uma ária
Que nos ajude a caminhar na vida vária.
Mas cada pescoço é um trombone
(Rtt-ta-ta-tá é um trombone)
E é sempre esta a nossa canção:
Não e Jamais! Jamais e Não!
E vai passando pela linha.
De um dorso cai ao chão a carga
É certo que não foi a minha.
carga de alguém rolou ao chão
E agora todos gritarão:
Urrr! Yarrh! Grr! Arrh!
Outros por certo a apanharão.*

TODOS JUNTOS

*Filhos do Campo nós somos
E a servir nós nos propomos
Vamos pela estrada larga,
Ao flanco o arnês, ao dorso a carga.
Nossa linha na planura
Tem estranha curvatura.
Agora caminharemos
Rumo à guerra. E lutaremos!*

*E o homem que anda ao nosso lado,
Sujo, quieto, o olhar pesado
Pensa em qual de nós seria
Quem mais sofre cada dia.*

*Filtros do Campo nós somos
E a servir nós nos propormos.
Vamos pela estrada larga,
Ao flanco o arnês, ao dorso a carga.*



- 1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jangal
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei